U.PORTO
FPCE FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Raquel Assunção

Associação entre Vinculação Parental e Amorosa: o papel da Competência Interpessoal e da Tomada de Perspectiva

Mestrado Integrado em Psicologia

2009

RAQUEL SOFIA ALMEIDA ALVES ASSUNÇÃO

Associação entre vinculação parental e amorosa: o papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva

Orientação: Professora Doutora Paula Mena Matos

Mestrado Integrado em Psicologia

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Porto

2009

Resumo

Este trabalho de investigação procurou investigar a existência de duas variáveis mediadoras entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, nomeadamente as variáveis competência interpessoal, medida numa série de dimensões (iniciar relações, asserções negativas, *disclosure*, suporte emocional e gestão de conflitos) e a tomada de perspectiva. A amostra consistia em 322 adolescentes e jovens adultos, com idades entre os 16 e os 25 anos de idade (M= 18.0 DP= .48), a maioria deles de escolas secundárias do norte do país. A vinculação parental foi medida com o *Questionário de Vinculação ao Pai e à* Mãe (Matos & Costa, 2001), a vinculação amorosa foi medida com o *Questionário de Vinculação Amorosa* (Matos & Costa, 2001), a competência interpessoal foi medida com o *Questionário de Competência Interpessoal* (Bhurmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988) e a tomada de perspectiva foi medida com uma dimensão do *Índice de Reactividade Interpessoal* (Davis, 1983). Os resultados sugerem que no seio da relação parental, poderão efectivamente ser adquiridas competência interpessoais, com especial relevância para a capacidade de fornecer suporte emocional, e competências de tomada de perspectiva, que melhorarão a qualidade da vinculação amorosa.

Palavras-Chave: Vinculação parental; Vinculação amorosa; Competência interpessoal; Tomada de perspectiva; Adolescência

Abstact

The aim of this study was to search for the existence of two mediator variables between the parental attachment and the romantic attachment, the interpersonal competence, measured in five dimensions (initiating relationships, negative assertions, disclosure, emotional support and conflict management) and the perspective taking. The sample consisted of 322 adolescents and young adults, aged between 16 and 25 years old (M= 18.0 DP= .48), most of them from the north of the country. Parental attachment was measured with the Father/Mother Attachment Questionnaire (Matos & Costa, 2001), romantic attachment was measured with Romantic Attachment Questionnaire (Matos & Costa, 2001), the interpersonal competence was measured with Interpersonal Competence Questionnaire (Bhurmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988) and the perspective taking was assessed with a dimension of the *Interpersonal Reactivity Index* (Davis, 1983). The results suggests that in fact, in the relationship with parents, may be acquired some interpersonal abilities, with special importance to emotional support, and perspective taking abilities, that improve the quality of romantic attachment.

Key-Words: Parental attachment; Romantic attachment; Interpersonal Competence; Perspective taking; Adolescence

Resumé

L'objectif de cette étude était de rechercher l'existence de deux variables de médiateur entre l'attachement parental et l'attachement romantique, les compétences interpersonnelles, mesurée sur cinq dimensions (ouverture de relations, des affirmations négatives, la divulgation, le soutien affectif et la gestion des conflits) et la perspective prendre. L'échantillon était composé de 322 adolescents et jeunes adultes, âgés entre 16 et 25 ans (M = 18,0 DP = .48), la plupart du nord du pays. L'attachement des parents a été mesuré avec le Père / Mère Attachement Questionnaire (Matos & Costa, 2001), l'attachement romantique a été mesurée avec Romantique Attachement Questionnaire (Matos & Costa, 2001), la compétence interpersonnelle a été mesurée avec Interpersonnel Compétence Questionnaire (Bhurmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988) et de la prise de vue a été évaluée avec une dimension de le Interpersonnel Réactivité Index (Davis, 1983). Les résultats suggèrent que, en fait, dans la relation avec les parents, mai être acquis quelques compétences interpersonnelles, avec une importance particulière à un soutien émotionnel, la prise de vue et capacités, à améliorer la qualité de l'attachement romantique.

Mots-clés: Parental attachement; Romantique attachement; Interpersonnel Compétence; prise de vue, l'adolescence

À Maria Inês, fonte dos meus sorrisos

Agradecimentos

À Doutora Paula, pelo caminho que percorreu comigo em todo este processo, exigindo sempre que eu desse o melhor de mim, ajudando-me a reflectir, pelas discussões de ideias frutuosas, pelas sugestões sábias, pelo amparo e encorajamento nos momentos menos sorridentes.

À Escola Secundária Camilo Castelo Branco e à Escola Secundária de São Pedro, ambas na cidade de Vila Real, por me permitirem a administração dos questionários que serviram de base a esta investigação. À Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, mais propriamente à Dra. Cidália Duarte e ao Dr. Carlos Gonçalves, que possibilitaram a administração de questionários a alunos da dita faculdade.

Aos meus pais, por tudo que sempre me deram e possibilitaram na vida, por aceitarem os meus sonhos e partilharem deles com o meu entusiasmo, por me emprestaram o ombro nos momentos difíceis, pelos conselhos sábios, por tudo que me ensinaram a ser.

À Maria Inês, que com a inocência de criança arranca à madrinha um sorriso em cada momento. Pedacinho de gente que me faz desejar vê-la crescer todos os dias.

Ao meu irmão, por me ajudar a crescer, pelo carinho sempre renovado, pela presença certa e constante, mesmo que não precisemos de estar sempre a reiterá-lo. À minha cunhada, uma espécie de irmã mais velha que nunca tive.

Ao Bruno, minha fonte de inspiração nestas coisas do amor, companheiro de viagem, escolhido com o coração, certeza de um porto seguro nesta jornada em forma de montanha-russa que é a vida.

Índice Geral

Introdução **2**

Capítulo I- Enquadramento Teórico

1. Vinculação parental, amorosa e competências interpessoais **4**

1.1- Relações Românticas na Adolescência **4**

1.2- A Qualidade da Vinculação Parental **6**

1.3- Vinculação Parental e Vinculação Amorosa - Relação directa ou mediada? **7**

1.4- Competência Interpessoal **9**

1.5- Tomada de Perspectiva **11**

Capítulo II- Estudo Empírico

1. Hipóteses **13**

2. Método **14**

2.1- Participantes **14**

2.2- Procedimento **15**

2.3- Instrumentos **16**

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe **16**

Questionário de Vinculação Amorosa **17**

Questionário de Competência Interpessoal **17**

Índice de Reactividade Interpessoal **19**

3. Resultados **19**

3.1- Análises Diferenciais **20**

3.2- Análises Correlacionais **23**

3.3- Análises de Modelos de Equações Estruturais **29**

4. Discussão **32**

5. Conclusões, Limitações e Pistas para Investigação Futura **40**

6. Bibliografia **42**

Anexos

Protocolo

Estrutura factorial final do Questionário de Competência Interpessoal

Introdução

Este trabalho insere-se no quadro teórico da teoria da vinculação, assumindo as relações com os pais, e com os outros significativos, como fulcrais no desenvolvimento do indivíduo e na aquisição de competências sociais. O quadro teórico da vinculação serve de fundo de base a uma procura de interligações entre constructos. Assim, o indivíduo é tido como transportador dos seus modelos internos dinâmicos, construídos na relação com os pais, para as suas relações amorosas. Assume-se neste estudo empírico, que mais do que directa, esta relação pode ser mediada pela presença de outros constructos.

É neste contexto privilegiada uma perspectiva desenvolvimental construtivista, olhando o ser humano como construtor da sua própria realidade, e como um ser complexo nas suas relações com os outros e contribuir para a compreensão das dinâmicas próprias da relação parental, e do modo como a qualidade da vinculação parental pode ser propícia ao desenvolvimento de competências fulcrais no desenvolvimental psicossocial do adolescente. Tomam-se neste trabalho em linha de conta as competências interpessoais e as competências de tomada de perspectiva, por serem consideradas de extrema importância no desenvolvimento dos adolescentes, e no estabelecimento de relações com pares e parceiros românticos.

Assim, é nosso objectivo último explorar algumas variáveis mediadoras entre a qualidade da vinculação parental e a qualidade da vinculação amorosa, uma vez que assumimos que, pela sua natureza, há necessariamente ligações entre estes constructos.

De salientar que, neste domínio, são escassos os estudos desenvolvidos, sendo este um campo de investigação a descobrir, com muitas hipóteses a explorar. De resto, é de extrema importância a existência de estudos nesta faixa desenvolvimental, crucial no desenvolvimento de indivíduos com uma identidade coerente.

Este estudo empírico tem enfoque em processos cognitivo-emocionais, que podem ser analisados e desenvolvidos no contexto da vinculação aos pais e que podem ter repercussão noutros domínios relacionais.

Segue-se assim, a esta introdução, uma enquadramento teórico neste domínio, e a apresentação do estudo empírico propriamente dito. Por fim serão analisados e discutidos os resultados.

Capítulo I- Enquadramento Teórico

1. Vinculação parental, amorosa e competências interpessoais

1.1- Relações românticas na adolescência

A adolescência é um período de transição no qual os adolescentes se encontram a resolver a tarefa da identidade, enfrentando profundas transformações nos sistemas emocional, cognitivo e comportamental, sendo que estes passam de jovens que estão a ser cuidados pelos pais a adultos que poderão também dar algo de si aos outros e cuidar deles (Allen & Land, 1999).

As relações românticas, na idade adulta, são interacções que são mutuamente reconhecidas, mais do que identificadas apenas por um membro da díade. Estas relações incluem a expressão de afectos, a expressão física e a expectativa de relações sexuais. Relações que se guiem por esta definição serão relações normativas e relevantes (Collins, 2003). Na adolescência, contudo, estas relações, em fases iniciais são sobretudo caracterizadas por níveis elevados de afiliação, que se traduzem na procura de proximidade física, na partilha de actividades e no companheirismo (Adams, Laursen & Wilder, 2001; Connolly & Goldberg, 1999; Feiring, 1996; Laursen & Williams, 1997; Shulman & Scharf, 2000 *cit in* Matos, 2006), sendo que mais tarde, com o aumento da idade, se verifica uma tendência para a procura de proximidade emocional, manifestada através da interdependência, da reciprocidade, e da diversidade de actividades que ocorrem entre os parceiros bem como através de interacção social diária (Adams *et al*., 2001 *cit in* Matos, 2006).

A investigação no campo das relações românticas na adolescência tem sido parca, por uma série de razões (Collins, 2003). A mais saliente é talvez aquela que refere que estes relacionamentos foram ignorados, porque eram considerados triviais e transitórios, sem consequências no desenvolvimento dos jovens. Todavia, mesmo quando transitórias, estas relações estão longe de ser triviais, tendo um importante papel no funcionamento do adolescente e na sua adaptação psicossocial (Collins, 2003).

Sejam fantasias ou conversações acerca do tópico, sejam experiências de carácter mais pontual, sejam relações mais duradouras, é inegável a centralidade que estas relações começam a ocupar na transição para a adolescência e que se prolonga pela vida adulta (Matos, 2006). Nos últimos anos, os investigadores têm prestado mais atenção a este tópico, tendo-se debruçado sobre a qualidade destas relações e as suas implicações, positivas e negativas, no desenvolvimento dos adolescentes (Collins, Welsh, & Furman, 2009).

Diversas teorias podem ser usadas na compreensão das relações românticas na adolescência, tais como as perspectivas bio-sociais, designadamente a teoria da evolução, as perspectivas neuroendócrinas e genéticas, as perspectivas ecológicas e as perspectivas interpessoais, como a teoria da vinculação e a teoria da interdependência, que enfatizam a natureza e os processos de mudança nas relações sociais dos adolescentes e a contribuição destas mudanças para diferenças desenvolvimentais individuais (Collins, Welsh, & Furman, 2009). O presente trabalho situa-se no âmbito da teoria da vinculação, que será mais adiante retomada.

Durante a adolescência, as interdependências familiares continuam, muito embora de formas diferentes das que existem na infância, e as interdependências com amigos e pares românticos tornam-se mais salientes (Collins, 2003).

A assumpção de que o grupo de pares será um fundo de base para as relações românticas durante a adolescência atraiu a atenção dos investigadores nesse sentido. O papel das amizades no desenvolvimento das relações românticas é fundamental e multifacetado (Collins, Welsh, & Furman, 2009; Scharf & Mayseless, 2007). Estas relações com amigos, funcionam como protótipo de interacções compatíveis com relações românticas e base de experimentação e exploração para experienciar e lidar com as emoções no contexto de relações próximas voluntárias (Connolly et al. 2004).

Contrariamente ao estereótipo mais comum de propósitos divergentes entre pais e pares, os domínios familiares e do grupo de pares são similares, e as suas influências conjuntas actuam no que diz respeito às relações românticas (Collins, Welsh, & Furman, 2009).

Assim, podemos dizer que as relações românticas na adolescência têm efectivamente significado desenvolvimental, sendo potenciadoras do desenvolvimento psicossocial do jovem. Têm-se acumulado resultados empíricos que suportam as associações entre as relações românticas na adolescência e múltiplos aspectos do desenvolvimento individual, como formar uma identidade pessoal, adaptar-se às mudanças nas relações familiares, envolver-se em relações harmoniosas com pares, ter sucesso escolar e desenvolver a sua maturidade sexual (Furman & Collins, 2008 *cit in* Collins, Welsh, & Furman, 2009).

1.2 – A qualidade da vinculação parental

Este trabalho é feito no âmbito do quadro teórico da vinculação e segundo este, as pessoas estão biologicamente predispostas a desenvolver relações de procura de segurança e protecção, pelo que a vinculação envolve comportamentos de procura de proximidade do outro e a necessidade de uma base segura, que permite uma exploração activa do mundo (Bowlby, 1982).

Bowlby (1982) refere que esta predisposição para formar relações de vinculação existe ao longo de toda a vida e não apenas na relação parental, que é a forma primordial de vinculação. Segundo o autor (Bowlby, 1969), as experiências precoces de vinculação são internalizadas como modelos internos dinâmicos que servem de protótipo para relações futuras com outros significativos. Estes modelos reúnem um conjunto de conhecimentos, expectativas e representações sobre a figura de vinculação (acessibilidade e responsividade) e sobre o *self* (reconhecimento do seu valor pessoal e capacidade de influenciar a figura de vinculação).

Segundo a teoria, estes modelos são baseados em experiências actuais com pessoas significativas e uma vez desenvolvidos, são generalizados a novas situações sociais (Feeney, Cassidy, & Ramos-Marcuse, 2008). Embora Bowlby tenha postulado que estes modelos se mantêm abertos ao longo da vida, verificou também que se tornam com o passar do tempo cada vez mais resistentes à mudança, porque estes tendem a operar fora do âmbito da consciência. Estes modelos são importantes nas relações

sociais na medida em que não guiam apenas o comportamento, mas também as representações, sentimentos e o processamento de informação nestas mesmas relações (Bowlby, 1982; Collins, Guichard, Ford, & Feeney, 2004).

A teoria da vinculação refere que a vinculação parental pode afectar outras relações dos adolescentes, tais como as relações românticas e as amizades íntimas (Bowlby, 1982). Sabemos que as relações com os pais são de importância fulcral durante o desenvolvimento, sendo que, relações próximas e seguras com os pais, criam as condições emocionais necessárias para os adolescentes explorarem novas formas de se relacionar com o mundo e, como consequência, desenvolverem um forte sentido de si mesmos, desenvolvendo-se como jovens adultos diferenciados e coerentes (Matos, Barbosa, Almeida, & Costa, 1999).

1.3 – Vinculação Parental e Vinculação Amorosa - relação directa ou mediada?

É sabido que, um historial de responsividade e sensibilidade, bem como de laços fortes com os pais na infância, facilitam a adaptação às transições próprias da adolescência (Allen, & Land, 1999), pelo que é de esperar que as relações com os pais, tenham influência no estabelecer das relações românticas na adolescência.

Primeiramente, os modelos internos de vinculação guiarão as expectativas dos indivíduos acerca do comportamento dos outros assim como acerca do seu próprio comportamento nas relações. Estas expectativas dirigirão o comportamento do indivíduo bem como os comportamentos elicitados pelos outros num processo de profecia auto-realizada. É possível que o tipo de parentalidade que contribui para representações seguras, possa contribuir para relações mais seguras com os outros. Os adolescentes poderão aprender, no contexto da relação parental, comportamentos responsivos e como usá-los nas suas relações sociais (Feeney, Cassidy, & Ramos-Marcuse, 2008).

Efectivamente, quando analisadas as relações entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, embora estas se manifestem significativas, o poder estatístico tende a ser reduzido. Tal sugere que esta relação pode não existir de forma directa, até porque

as relações com os pais e as relações românticas dos adolescentes são pautadas por experiências e vivências obviamente diferentes.

Mas será então que esta relação entre a vinculação parental e vinculação amorosa se faz de uma forma indirecta? Existirão competências adquiridas no seio da relação parental que influenciarão a vinculação amorosa? Neste trabalho parte-se do pressuposto de que na verdade existirão formas indirectas de relacionar a vinculação parental com a vinculação amorosa, que mostram que provavelmente esta ligação entre a vinculação parental e a vinculação amorosa se faz por outros caminhos que não uma relação directa.

O modelo a ser testado (ver fig. 1) assenta no conceito de mediação, porque se baseia no estudo da competência interpessoal e da tomada de perspectiva enquanto variáveis mediadoras na relação entre a vinculação parental e a vinculação amorosa. Um modelo de mediação indica que o efeito de uma variável independente numa variável dependente é transmitido através de uma terceira variável, a chamada variável mediadora (Edwards & Lambert, 2007). Assim, a variável independente será a vinculação parental, a variável dependente a vinculação e as variáveis mediadoras a competência interpessoal e a tomada de perspectiva.

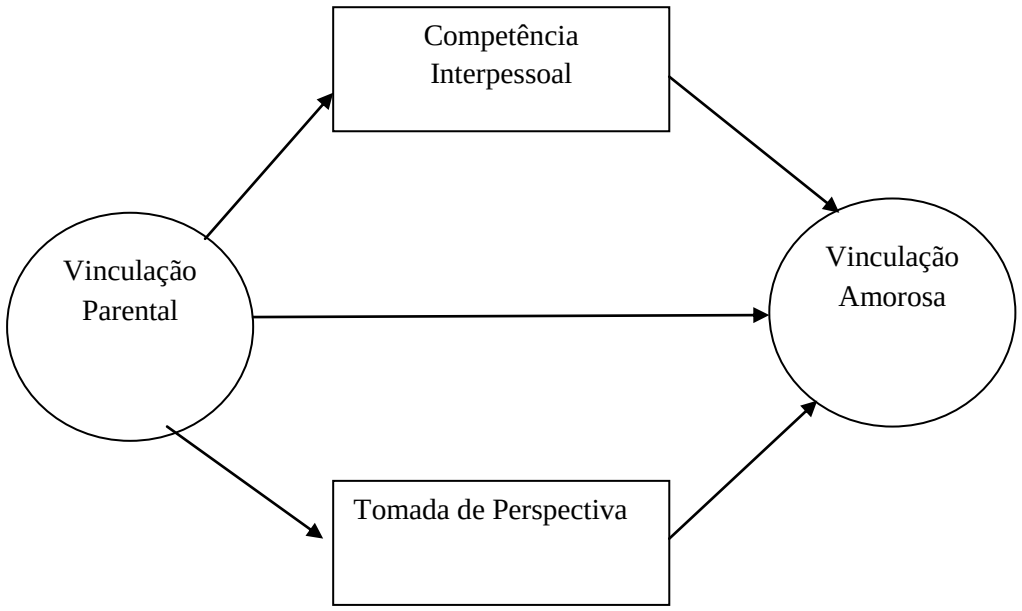


Fig1.- Modelo conceptual do presente estudo

1.4- Competência Interpessoal

A competência interpessoal é neste trabalho definida como sendo um conjunto de competências que facilitam o relacionamento com os outros. No presente trabalho, é adoptado o modelo conceptual de Buhrmester, Furman, Wittenberg e Reis (1988), no qual a competência interpessoal é dividida em cinco domínios, sendo eles: o iniciar interacções e relações com os outros, ser capaz de ser assertivo, a revelação de informação pessoal, o fornecer suporte emocional aos outros e a capacidade de gerir conflitos. Estes domínios irão traduzir-se em dimensões do instrumento construído pelos autores, o Questionário de Competência Interpessoal (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988), que será utilizado no presente estudo.

As competências sociais constituem factores relevantes para o desenvolvimento social e pessoal dos jovens. Adolescentes que experienciam dificuldades nestas competências apresentam maiores dificuldades em estabelecer amizades, assim como no envolvimento, na intimidade ou mesmo na vinculação com os amigos já estabelecidos (Mota & Matos, 2008).

Neste estudo, partimos do princípio que estas competências serão adquiridas no seio da relação parental, e que podem facilitar o estabelecimento de relações românticas de qualidade na adolescência.

Pais que fornecem às crianças e adolescentes relações de vinculação seguras, simultaneamente fornecem-lhes a segurança de que são dignos de confiança e de serem amados e cuidados pelos outros (Bowlby, 1973 *cit in* Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001), facto que necessariamente influencia o modo como estas crianças interagem com os outros, na verdade a vinculação parental pode fornecer uma série de expectativas acerca de como interagir com os outros e como interpretar as suas necessidades e sentimentos (Sroufe & Fleeson, 1986 *cit in* Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001).

Adolescentes que tenham uma vinculação segura com os pais mostraram-se mais capazes de desenvolver competências sociais adequadas, que são necessárias à iniciação e manutenção de relações próximas, satisfatórias e recíprocas com amigos e parceiros

românticos (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). A percepção de um baixo suporte parental pode traduzir-se numa vinculação insegura, e adolescentes que se mostrem inseguros, terão mais dificuldades de interacção social, sendo menos capazes de estabelecer procura de amizades e de resolver satisfatoriamente os conflitos interpessoais (Mallinckrodt, 2000).

Num estudo realizado com jovens alemães, foram encontradas elevadas correlações negativas entre todas as dimensões do *Questionário de Competência Interpessoal* e a dimensão de alienação aos pais do *Inventário de Vinculação aos Pais e Pares*, facto que sugere que no contexto de uma relação alienada com os pais não se criam condições propícias ao desenvolvimento das competências interpessoais dos jovens (Kanning, 2006). Estas competências afectarão consequentemente a vinculação amorosa uma vez que alguns investigadores que estudaram várias formas de competência interpessoal reconheceram a sua importância no sucesso dos adolescentes nas relações românticas (Twentyman, Boland, & McFall, 1981 *cit in* Buhrmester & Furman, 1988).

Alguns estudos de suporte social sugerem que as pessoas que possuem competências interpessoais são mais capazes de criar redes de relações fornecedoras de apoio face a momentos de vida complicados (Cohen, Sherrod, & Clark, 1986; Gottlieb, 1985; Hansson, Jones, & Carpenter, 1989; Saranson, Saranson, Hacker, & Bashem, 1985 *cit in* Buhrmester & Furman, 1988).

Todos estes dados apontam no sentido da competência interpessoal ser uma possível variável mediadora entre a vinculação parental e a vinculação amorosa.

Não podemos no entanto esquecer que os pares, terão também um papel fundamental na aquisição dos adolescentes de competências sociais, na medida em que estas relações com os pares funcionam como base de exploração para experienciar e lidar com as emoções no contexto de relações próximas voluntárias (Connolly et al. 2004).

1.5- Tomada de Perspectiva

A tomada de perspectiva é neste estudo tida em conta como sendo a capacidade de se colocar no lugar do outro, um conceito que de resto vai de encontro ao conceito de empatia, habitualmente empregue na clínica psicológica. No âmbito da prática psicológica, retomamos Rogers (1975), um autor de excelência nesta área, para definir a empatia:

”A maneira de ser em relação a outra pessoa denominada empática tem várias facetas. Significa penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele. Requer sensibilidade constante para com as mudanças que se verificam no indivíduo em relação aos significados que ele percebe, ao medo, à raiva, à ternura, à confusão ou ao que quer que ele vivencia. Significa viver temporariamente a sua vida, mover-se delicadamente dentro dela sem julgar, perceber os significados que o indivíduo quase não percebe, tudo isto sem tentar revelar sentimentos dos quais a pessoa não tem consciência, porque poderia ser muito ameaçador. Implica transmitir a maneira como o indivíduo sente o mundo dele à medida que examina sem viés e sem medo os aspectos que o indivíduo teme. Significa frequentemente avaliar com ele a precisão do que sentimos e guiarmo-nos pelas respostas obtidas. Passamos a ser um companheiro confiante dessa pessoa no seu mundo interior. Mostrando os possíveis significados presentes no fluxo de suas vivências, ajudamos a pessoa a focalizar esta modalidade útil de ponto de referência, a vivenciar os significados de forma mais plena e a progredir. Estar com o outro desta maneira significa deixar de lado, neste momento, os nossos próprios pontos de vista e valores, para entrar no mundo do outro sem preconceitos." (Rogers, 1975, pág. 3).

A empatia é um conceito extremamente interessante no campo da Psicologia, no entanto a sua avaliação não é fácil, desde logo porque não existe consenso relativamente à definição do constructo (Chlopan, McCain, Carbonell, & Hagen, 1985). Efectivamente, o primeiro problema com a investigação da empatia é a definição deste conceito. Os psicólogos desenvolvimentais, enfatizaram as componentes emocionais da empatia, definindo-a como sendo o sentir as emoções do outro, ou como respondendo de maneira apropriada aos sentimentos do outro. Assim, empatia, simpatia e contágio emocional, não estão devidamente separados do ponto de vista conceptual (Bohart,

Greenberg & Watson, 2002). A empatia foi assumida como sendo a capacidade de se colocar nos "sapatos do cliente" (Rogers, 1975), no entanto há diferentes maneiras do indivíduo se colocar nos "sapatos do outro": emocionalmente, cognitivamente, numa base de momento-a-momento, ou tentando agarrar a ideia do que será ser a outra pessoa (Bohart, Greenberg & Watson, 2002).

Mehrabian e Epstein (1972 *cit in* Chlopan, McCain, Carbonell, & Hagen, 1985) referem que a investigação no campo da empatia seguiu dois caminhos distintos, decorrentes de duas formas de ver o conceito. Um caminho conceptualiza a empatia como a capacidade de tomar a perspectiva do outro e o outro vê o conceito como sendo a capacidade de experienciar o sentimento do outro. Trata-se aqui da distinção entre empatia cognitiva e empatia emocional.

Neste projecto debruçar-me-ei apenas na capacidade de tomar a perspectiva do outro, ou seja, a empatia cognitiva, conceptualizada do ponto de vista de Davis (2005), que desenvolveu um modelo da empatia como um traço de personalidade ou uma capacidade estável, constituída por componentes cognitivos e emocionais. Davis (1983) propõe um modelo compreensivo da empatia que a divide em quatro componentes sendo elas a tomada de perspectiva, a preocupação empática, o stress pessoal e a fantasia. A escolha apenas da tomada de perspectiva prende-se com o facto não termos acedido a instrumentos de avaliação satisfatórios da empatia emocional, sendo que no modelo proposto por Davis a empatia emocional é abordada de uma forma que nos parece distanciar-se do constructo psicológico da empatia.

Relativamente à tomada de perspectiva, e não esquecendo que esta se prende com a empatia, os teóricos da vinculação referem que os modelos internos dinâmicos de si, das relações passadas e presentes guiam o comportamento em situações relacionadas com a vinculação. Uma vez que a capacidade de fornecer uma base segura para os outros é pelo menos em parte dependente da capacidade de reconhecer as necessidades do outro, os indivíduos com uma vinculação segura deveriam ser mais empáticos do que os indivíduos com uma vinculação insegura (Britton & Fuendeling, 2005).

Estudos realizados sugerem que as competências sociais estão intimamente ligadas ao suporte fornecido no seio da relação parental, pelo que relações seguras com

os pais podem potenciar um clima favorável ao desenvolvimento de competências de empatia e reciprocidade (Laible, Carlo & Roesch, 2004).

Assim, à luz deste enquadramento teórico e revisão empírica subsequente, faz sentido a procura de variáveis mediadoras entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, sendo que a competência interpessoal e a tomada de perspectiva poderão efectivamente ser constructos de peso nesta relação.

Capítulo II- Estudo Empírico

1. Hipóteses

Tendo então sido esclarecidos os conceitos e variáveis subjacentes ao estudo, colocam-se neste estudo algumas hipóteses.

Uma primeira hipótese é a de que, no contexto da vinculação parental, serão adquiridas pelos adolescentes, competências interpessoais, não apenas através da relação em si, mas também do modo como os pais encorajem ou não inibem uma exploração activa do mundo envolvente e das relações interpessoais dos jovens. Uma segunda hipótese é a de que, também no seio da relação com os pais, serão adquiridas competências de tomada da perspectiva do outro, entendidas aqui como integrando o conceito de empatia. Assim, espera-se que uma vinculação segura com os pais, uma relação que permita a exploração e autonomia dos jovens, potenciará a aquisição de competências interpessoais e de tomada de perspectiva dos adolescentes.

Uma terceira hipótese é a de que a vinculação amorosa será influenciada pelas competências interpessoais que os jovens possuem, isto é, que jovens que se percepcionam como sendo competentes nos seus relacionamentos interpessoais em geral, criarão relações românticas pautadas pela confiança e segurança. Uma quarta hipótese é a de que a vinculação amorosa dos adolescentes será influenciada pelas competências de tomada de perspectiva que eles possuem, isto é, quanto mais o adolescente for capaz de tomar o ponto de vista do outro, maiores serão os níveis de confiança experienciados na relação romântica. Assim, espera-se que jovens que sejam

competentes nas suas relações interpessoais e que sejam capazes de tomar a perspectiva do outro, tenham maior probabilidade de ter relações românticas seguras e pautadas por sentimentos de confiança.

Uma quarta hipótese, a título exploratório, consistirá na avaliação da medida em que tanto as competências interpessoais como a tomada de perspectiva poderão exercer um efeito mediador na associação entre a vinculação parental e a vinculação amorosa. Espera-se assim que algumas das variáveis incluídas no constructo multidimensional das competências interpessoais e a tomada de perspectiva opere a ligação entre ambos os contextos.

Finalmente, embora não se estabeleçam hipóteses específicas, dada a ausência de consistência de resultados da revisão empírica serão efectuadas análises nas diferentes variáveis mencionadas em função do sexo e da idade do adolescente, bem como da duração da relação romântica.

O tratamento estatístico dos dados consiste na realização de análises multivariadas de variância tendo em conta variáveis sócio-demográficas consideradas relevantes, sendo elas o sexo, a idade e a duração da relação. Seguidamente nas análises correlacionais entre todas as variáveis e por fim, análises de equações estruturais a fim de testar as hipóteses de mediação.

2- Método

2.1- Participantes

A amostra é constituída por 322 jovens entre os 16 e os 25 anos de idade (M= 18.0 *DP*= .48) e a recolha de dados efectuada em escolas secundárias do norte do país e da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Na verdade, em fases iniciais da adolescência, as relações românticas são sobretudo caracterizadas por níveis elevados de afiliação, que se traduzem na procura de proximidade física, na partilha de actividades e no companheirismo (Adams, Laursen &

Wilder, 2001; Connolly & Goldberg, 1999; Feiring, 1996; Laursen & Williams, 1997; Shulman & Scharf, 2000 *cit in* Matos, 2006), sendo que mais tarde, com o aumento da idade, verifica-se uma tendência para a procura de proximidade emocional, manifestada através da interdependência, da reciprocidade, e da diversidade de actividades que ocorrem entre os parceiros bem como através de interacção social diária (Adams *et al*., 2001 *cit in* Matos, 2006). No fundo esta faixa etária abrange a chamada adolescência tardia.

A amostra é constituída por 211 (65.5%) indivíduos do sexo feminino e 111 (34.5%) indivíduos do sexo masculino, sendo que 272 (84.5%) jovens frequentam o ensino secundário e 19 (15.2%) jovens frequentam o ensino universitário. No que diz respeito à fratria, 267 (82.9%) jovens têm um ou mais irmãos e apenas 55 (17.1%) jovens são filhos únicos. A maioria das mães possui uma baixa escolaridade (50.6%) bem como os pais (59.4%). Destes jovens, 259 (80.4%) vivem numa família intacta, 37 (11.5%) vivem numa família monoparental e 25 (8.1%) vivem noutras condições. Passando agora a dados relativos às relações românticas destes jovens, na amostra, 149 (46.3%) jovens vivem actualmente uma relação romântica, 128 (39.8%) neste momento não têm namorado mais já tiveram, 28 (8.7%) jovens nunca namoraram mas "têm curtido" e 17 (5.3%) jovens nunca viveram uma relação romântica. No que diz respeito à duração da relação, existem relações de duração variável, sendo que foram constituídos três grupos, assim 100 (31.1%) jovens possuem uma relação romântica que dura há menos de meio anos, 112 (34.3%) jovens possuem uma relação romântica que dura entre 6 meses e 2 anos e 38 (11.8%) jovens possuem uma relação romântica há mais de 2 anos, sendo que os restantes ou não vivem uma relação romântica ou não responderam à questão da duração da relação. Os jovens encontram-se bastante satisfeitos com as suas relações românticas, sendo que numa escala de Likert que varia entre 1 e 7, os seus resultados se situam acima do valor médio da escala (M=5.3 *DP*=1.51).

2.2- Procedimento

O protocolo construído foi administrado em duas escolas secundárias do norte do país aos alunos do 12º ano de escolaridade, e na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. O preenchimento do questionário foi

voluntário e anónimo, efectuado em grupo de turma, e os indivíduos tiveram a possibilidade de retirar dúvidas e de desistirem do preenchimento se assim o desejassem. Existiam duas versões do protocolo, com os diferentes questionários que o constituíam por ordens diferentes, para assim se poder contrariar o efeito de ordem e de cansaço no preenchimento. De notar que, para as análises correlacionais, diferenciais realizadas, não foram tidos em conta os participantes que nunca viveram uma relação romântica.

2.3- Instrumentos

Após a definição das variáveis em estudo, houve uma escolha cuidada dos instrumentos, sendo no final o protocolo (cf. Anexo 1) composto por um questionário sócio-demográfico, o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), o Questionário de Vinculação Amorosa (Matos & Costa, 2001), o Questionário de Competência Interpessoal (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988) e a dimensão Tomada de perspectiva do Índice de Reactividade Interpessoal (Davis, 1983).

O questionário sócio-demográfico é composto por informações relativas à idade, sexo, escolaridade, nível socioeconómico, com quem vive o adolescente, se o adolescente tem ou não uma relação e em caso afirmativo há quanto tempo, se não vive, se já viveu alguma relação romântica significativa e quanto tempo durou, o estado civil dos pais e a escolaridade.

2.3.1- Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001) é um questionário de auto-relato construído para medir as percepções dos jovens adultos das relações de vinculação parental, construído com base nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby e Ainsworth e no modelo de avaliação da vinculação de Bartholomew. É composto por 30 itens que se dividem em três subescalas, sendo elas a *Inibição da Exploração e Individualidade (*10 itens), a *Qualidade do Laço Emocional* (10 itens) e *Ansiedade de Separação* (10 itens). A reposta é feita numa escala de Likert

de 6 pontos desde o discordo totalmente até ao concordo totalmente. Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento, este tem revelado índices adequados de consistência interna para as três dimensões, nomeadamente no que diz respeito à faixa etária da adolescência tardia e jovem adultícia. Para além disso, o questionário tem apresentado associações e previsíveis com diferentes constructos, apoiando a validade de constructo (ver Matos & Costa, 2004 para uma revisão). Neste estudo, foram encontradas bons índices de consistência interna nas três dimensões, para a versão do pai e da mãe: *Inibição da Exploração e Individualidade* (α=.84 e α= .85), *Qualidade do Laço Emocional* (α=.94 e α=.91) e *Ansiedade de Separação e Dependência* (α=.86 e α= .82).

2.3.2 – Questionário da Vinculação Amorosa

O Questionário da Vinculação Amorosa (QVA, Matos & Costa, 2004) é um questionário de auto-relato inspirado nas contribuições teóricas e conceptuais de Bowlby e Ainsworth e na proposta de avaliação da vinculação de Bartholomew. Neste estudo foi utilizada a versão reduzida, composta por 25 itens que se dividem em quatro factores, sendo eles a *Confiança* (6 itens), a *Dependência* (6 itens), o *Evitamento* (6 itens) e a *Ambivalência* (7 itens). A resposta é feita em escala de Likert de 6 pontos desde o discordo totalmente até ao concordo totalmente. Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento, este apresenta índices adequados de consistência interna em diversas amostras independentes (Matos, Barbosa, & Costa, 2001; Rocha, 2008), que se situam na faixa etária pretendida no presente estudo. Neste estudo foram igualmente encontrados índices de consistência interna adequados nas quatro dimensões: *Confiança* (α =..86), a *Dependência* (α = .78), o *Evitamento* (α = .81) e a *Ambivalência* (α = .79).

2.3.3 – Questionário de Competência Interpessoal

O Questionário de Competência Interpessoal (QCI, Buhrmester, Furman, Wiitenberg, & Reis, 1988) é um questionário de auto-relato composto por 40 itens e divide-se em cinco factores, sendo elas *Iniciar Relações* (8 itens), *Asserções Negativas*

(8 itens), *Disclosure* (8 itens), *Suporte Emocional* (8 itens) e *Gestão de Conflitos* (8 itens Cada dimensão é composta por 5 itens e cada item da escala descreve uma situação interpessoal habitual e a resposta é feita pelo uso da escala de 5 pontos de Levenson e Gottman (1978 *cit in* Buhrmester, Furman, Wittenberg, & Reis, 1988), sendo que os indivíduos deverão indicar o grau de competência e conforto ao lidar com determinadas situações (**1.** Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível; **2.** Não sou bom nisto; Sentir-me-ia desconfortável e teria muita dificuldade em lidar com esta situação; **3.** Sou razoável nisto, Sentir-me-ia um pouco desconfortável e teria alguma dificuldade em lidar com esta situação; **4.** Sou bom nisto, Sentir-me-ia bem e capaz de lidar com esta situação; **5.** Sou muito bom nisto, Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.). O instrumento foi já usado em vários estudos (eg. Kannig, 2006; Schneider, & Younger, 1996), tendo apresentado índices adequados de consistência interna. (α= .72 a .84).

O instrumento foi traduzido neste estudo para a língua portuguesa. Primeiramente foi feita uma tradução dos itens do instrumento, à qual se seguiu uma discussão entre duas pessoas sobre os itens mais problemáticos. Seguidamente, foi realizado em grupo de alunos de mestrado em Psicologia, uma reflexão acerca de cada item do instrumento, onde foram sugeridas algumas alterações, que poderiam tornar o instrumento mais perceptível e adequado à faixa etária em questão. Por fim, e após terem sido feitas as alterações propostas, o instrumento foi submetido a uma reflexão falada com 8 indivíduos, pertencentes à faixa etária em questão. Esta reflexão falada permitiu identificar diversas dificuldades dos sujeitos no preenchimento do instrumento, tendo sido muito útil. Na sequência deste procedimento foram feitas alterações ao instrumento, tornando os itens o mais claros possível, e garantindo que os itens se relacionavam com aquilo que pretendíamos medir.

Após a aplicação, foi realizada uma análise factorial em componentes principais, com rotação varimax, pedindo uma organização em cinco factores. Durante o processo de validação factorial, optámos por retirar alguns itens factorialmente complexos do instrumento em algumas dimensões, ainda, em alguns casos, o valor de consistência interna diminuísse ligeiramente. Assim, ao instrumento original, foram retirados 3 itens da dimensão *Disclosure*, dois itens da dimensão *Gestão de Conflitos* e um item da

dimensão *Suporte Emocional*. Os itens retirados pouco se correlacionavam com as suas dimensões na análise factorial, pelo que optámos por uma estrutura factorial mais limpa e sólida, sendo que na estrutura apresentada foram igualmente retirados todos os itens com valores de correlação inferiores a .40 (cf. Anexo 2, Tabela 1). Assim, obtivemos índices adequados de consistência interna em quase todas as dimensões, sendo estas: *Iniciar Relações* (8 itens, α=.80), *Asserções Negativas* (8 itens, α =.78), *Disclosure* (5 itens, α= .64), *Suporte Emocional* (7 itens, α = .85) e *Gestão de Conflitos* (6 itens, α = .69).

2.3.4 – Índice de Reactividade Interpessoal

A escolha da aplicação de uma das dimensões do Índice de Reactividade Interpessoal (IRI, Davis, 1983) prendeu-se com a tentativa de estudar de alguma forma a empatia, sendo que um conceito próximo se relaciona com a da Tomada de Perspectiva. O IRI é um questionário de auto relato construído para medir a empatia, vista do ponto de vista de Davis (1983). Para Davis, a empatia consiste num traço estável com componentes cognitivos e emocionais (Davis 1983). Embora criticamente eu me afaste deste conceito de empatia como traço estável, acreditando que a empatia pode ser situacional ou variar dependendo da pessoa com que interagimos, a dimensão da tomada de perspectiva deste questionário parece ser muito útil para em aceder ao conceito clínico de empatia, na sua vertente cognitiva. Esta dimensão segundo o autor representa a capacidade cognitiva de tomar o ponto de vista dos outros, sendo constituída por 7 itens e de resposta tipo escala de Likert semelhante à usada nos questionários de vinculação. Neste estudo, o índice de consistência encontrado foi satisfatório (α= .74).

3.Resultados

Após a administração do protocolo, foram realizadas diversas análises. O Questionário de Competência Interpessoal, traduzido neste trabalho para português, foi, como já referido, alvo de uma análise factorial, a fim de ser adaptado à população adolescente portuguesa.

Foram realizadas análises de variância multivariada, que nos permitiram procurar o efeito de variáveis sócio-demográficas na vinculação parental, na vinculação amorosa, na competência interpessoal e na tomada de perspectiva. Mais propriamente, procurámos avaliar diferenças relativamente ao sexo, idade e duração da relação romântica. Tiveram-se em conta, num primeiro nível de análise, os valores do Traço de Pillai. Sempre que este se mostrou significativo, realizaram-se análises de post-hoc, observando-se o valor de Scheffé. Sempre que surgiu algum dado peculiar, foram realizadas análises complementares para explorar esse dado.

Seguidamente realizaram-se análises correlacionais, com base na correlação de Pearson, que permitiram estabelecer quais as correlações entre as variáveis do estudo.

Por fim, foram levadas a cabo algumas análises equações estruturais, a fim de testar algumas mediações possíveis entre a vinculação parental e a vinculação amorosa.

3.1- Análises Diferenciais

3.1.1- QVA, Sexo, Idade e Duração da relação

No que diz respeito ao QVA, encontrámos diferenças relativamente ao sexo no QVA ($F(4, 274) = 7.29$, $p < .001$, $\eta^2 = .10$). Estas diferenças encontram-se nas dimensões *Confiança* ($F(1,277) = 6.6$, $p < .05$, $\eta^2 = .02$), *Dependência* ($F(1, 277) = .76$, $p < .05$, $\eta^2 = .02$) e *Evitamento* ($F(1, 277) = 4.32$, $p < .05$, $\eta^2 = .01$). Confrontando estes resultados com as médias podemos dizer que, os indivíduos do sexo feminino (M = 4.75, DP = .98) confiam significativamente mais que os indivíduos do sexo masculino (M = 4.50, DP = 1.05). No que diz respeito à dimensão *Dependência*, podemos dizer que os indivíduos do sexo masculino (M = 3.46, DP = 1.0), são significativamente mais dependentes do que os indivíduos do sexo feminino (M = 3.13, DP = 1.2). Este último resultado suscitou perplexidade, uma vez que não era esperado encontrarmos um maior grau de dependência nos rapazes, pelo que fomos averiguar esta questão, procurando perceber até que ponto esta diferença poderia estar relacionada com outros factores, como a idade, a duração da relação romântica e a satisfação com esta mesma relação. Verificámos então que estes rapazes são mais novos que as raparigas, tendo no entanto relações tão longas como elas, o que implica que as tendam iniciado mais cedo, e estão

igualmente satisfeitos com estas relações (F(1, 290)= .10, p= .75, $\eta^{2=}$ .00). No entanto, refira-se que no que diz respeito ao valor absoluto da média, verificamos que tanto as respostas das raparigas como as dos rapazes se encontram no pólo da discordância com as afirmações que integram a dimensão da *Dependência*. Relativamente à dimensão Evitamento, observámos que os indivíduos do sexo masculino (M= 2.68, DP= 1.16) são significativamente mais evitantes que os indivíduos do sexo feminino (M= 2.41, DP= .93).

Relativamente à idade, quando comparamos os jovens relativamente à faixa etária, não encontrámos diferenças no que diz respeito à idade (F(4, 274) = 1.88, p= .11 η^2= .03). Refira-se que os participantes foram distribuídos por dois grupos, um grupo com idades inferiores ou igual a 18 anos (n = 245) e um grupo com idades superiores a 18 anos (n = 77). No que concerne à duração da relação, verificámos que não há diferenças significativas (F(8, 448) = 1.02, p= .42 η^2= .02).

3.1.2- QVPM, Sexo, Idade e Duração da relação

Em relação ao QVPM, e relativamente ao sexo, verificamos que não há diferenças significativas (F(6, 271) = 1.05, p= .39 η^2= .02). No que diz respeito à idade, observamos diferenças significativas nas dimensões do QVPM (F(6, 271)= 2.72, p= .01, η^2=.06) . Passando ao segundo nível de análise para verificarmos onde estão estas diferenças, encontramos diferenças nas dimensões *IEI* à mãe (F(1, 276)= 7.34, p< .01, η^2= .03) *IEI* ao pai (F(1, 276)= 7.92, p< .01, η^2= .03) e *AS* ao pai (F(1, 276)= 4.37, p< .05, η^2= .02). Assim sendo, e relativamente à variável *IEI mãe*, podemos referir que aos jovens até aos 18 anos de idade (M = 3.27 DP = .99) se percepcionam como sendo-lhes mais inibida a exploração e individualidade por parte da mãe do que aos jovens com mais de 18 anos (M = 2.89 DP = 1.06). Relativamente à dimensão *IEI pai*, podemos referir que os resultados, como seria de esperar, vão no mesmo sentido, sendo que aos jovens até aos 18 anos (M = 3.18 DP = 1.05) lhe é mais inibida a exploração e individualidade por parte do pai. Era esperado que aos jovens mais novos não fosse dada tanta liberdade de exploração como aos jovens mais velhos, sendo que os resultados vão de encontro ao que era esperado. Relativamente à dimensão *AS pai* podemos referir que os jovens até aos 18 anos (M = 3.62 DP = 1.01) apresentam

maiores níveis de ansiedade de separação relativamente à figura do pai do que os jovens com mais de 18 anos (M = 3.33 DP = .97). Este resultado é igualmente concordante com o que seria de esperar.

No que concerne à variável duração da relação, e ainda no que diz respeito ao QVPM, verificamos que há diferenças significativas nos seus resultados comparando os três grupos relativos à duração da relação ($F(12, 444)= 1.83$, $p< .05$, $\eta^2= .05$). Analisando essas diferenças, percebemos que elas se encontram na dimensão *AS pai* ($F(2, 229)= 5.93$, $p< .01$, $\eta^2= .05$). Estas diferenças encontram-se entre os jovens que vivem uma relação romântica há menos de 6 meses e os jovens que vivem uma relação romântica há mais de 2 anos, bem como entre os jovens que vivem uma relação romântica com duração entre 6 meses e 2 anos e os jovens que vivem uma relação romântica há mais de 2 anos ($F(12, 225) = 3.6$, $p< .05$, $\eta^2 < .01$). Assim, podemos dizer que os jovens com relações românticas com menos de 6 meses de duração (M= 3.64 DP=.11), percepcionam maiores níveis de ansiedade de separação ao pai, relativamente aos jovens com relacionamentos de duração superior a 2 anos (M=3.0 DP= .17), bem como os jovens com uma relação romântica que dura entre 6 e 24 meses (M=3.60 DP= 3.40), que também se percepcionam como mais ansiosos face à separação da figura do pai, do que o grupo com relações mais longas. Repetindo esta análise, fazendo covariar a idade, vemos que estes resultados se mantêm, razão pela qual a idade não os está a influenciar.

3.1.3 – QCI, Sexo, Idade e Duração da Relação

Em relação ao QCI, efectuamos as mesmas análises diferenciais e, relativamente ao sexo, foram encontradas diferenças significativas ($F(5, 585)= 10.84$, $p < .001$, $\eta^2= .16$). Verificámos que essas diferenças se encontram nas variáveis *Iniciar Relações* ($F(1, 289)= 21.82$, $p < .001$, $\eta^2= .07$) e *Suporte Emocional* ($F(1, 289)= 12.46$, $p < .001$, $\eta^2= .04$). Assim, podemos referir que os jovens do sexo masculino (M = 3.30 DP = .05) se percepcionam como sendo melhores a iniciar relações do que as jovens do sexo feminino (M = 2.92 DP = .07).Podemos também referir que as jovens do sexo feminino (M = 4.27 DP = .04) se percepcionam como melhores fornecedoras de suporte emocional do que os jovens do sexo masculino (M = 4.02 DP = .06). Tais resultados são

concordantes com os estereótipos socialmente construídos e veiculados para o papel feminino e masculino. No que diz respeito à variável idade, encontrámos também diferenças significativas ($F(5, 285)= 3.0$, $p< .05$, $\eta^2= .05$). Essas diferenças encontram-se na variável *Gestão de Conflitos* ($F(1, 289)= 9.45$, $p< .01$, $\eta^2= .03$), sendo que os jovens com mais de 18 anos de idade (M = 3.72 DP = .56) se percepcionam como gerindo melhor os conflitos do que os jovens com menos de 18 anos de idade (M = 3.47 DP = .61). Por fim, e no que diz respeito à variável duração da relação romântica, não encontrámos diferenças significativas ($F(10, 470) = .57$, $p= .84$, $\eta^2= .01$).

3.1.4 – Tomada de Perspectiva, Sexo, Idade e Duração da relação

Analisando por fim as possíveis diferenças existentes no que diz respeito à tomada de perspectiva, podemos referir que relativamente ao sexo, não há diferenças significativas ($F(1, 303) = 2.58$, $p= .109$ $\eta^2= .008$). Já no que concerne à idade, encontrámos diferenças significativas na dimensão *Tomada de Perspectiva* ($F(1, 303) = 10.87$, $p<.01$, $\eta^2= .03$). Assim, podemos referir que os jovens com mais de 18 anos de idade (M = 3.63 DP = .61) se percepcionam como tomando melhor a perspectiva do outro do que os jovens com menos de 18 anos de idade (M = 3.36 DP = .62). Em relação à variável duração da relação, não foram encontradas diferenças significativas ($F(2, 250) = 1.1$, $p= .34$, $\eta^2= .009$).

3.2- Análises Correlacionais

3.2.1 – QVA e QVPM

No que diz respeito às correlações entre QVA e QVPM, podemos referir que foram encontradas bastantes correlações significativas (cf. Quadro 1).

QUADRO 1.

Correlações de Pearson entre as dimensões do QVA e do QVPM

Variáveis	QVPM					
	IEI Mãe	IEI Pai	QLE Mãe	QLE Pai	AS Mãe	AS Pai
Confiança	.13	- .13 *	.24	.45	.19	- .12 *
Ambivalência	.26 **	.18 **	- .12 *	.08	.14 *	.12 *
Dependência	.22 **	.17 **	- .14 *	- .12 *	.13 *	.06
Evitamento	.13	.37	.24	.13	.18	.55

** p < .01; * p < .05

Assim sendo, foram encontradas correlações negativas significativas entre a dimensão Confiança do QVA e as dimensões IEI pai do QVPM e AS pai do QVM. Tais dados sugerem que quanto maior é a percepção de inibição de exploração e individualidade na relação com o pai, e quanto maior é a percepção de ansiedade de separação, menor é a confiança percepcionada na relação romântica. Existem também correlações significativas entre a dimensão *Ambivalência* do QVA e todas as dimensões do QVPM, à excepção da *QLE* ao pai. Tais dados sugerem que quanto maior a inibição de exploração e individualidade percepcionada por parte dos jovens em relação aos pais e quanto maior ansiedade de separação percepcionada, mais ambivalência é percepcionada na relação romântica, o que vai de encontro ao que seria esperado. Encontramos uma correlação negativa significativa entre a dimensão *Ambivalência* do QVA e a dimensão *QLE* mãe do QVPM, o que sugere que quanto melhor a qualidade de laço emocional com a mãe percepcionada pelos jovens, menos ambivalência é percepcionada na relação romântica. Existem também correlações significativas encontradas entre a dimensão *Dependência* do QVA e todas as dimensões do QVPM, à excepção da dimensão *AS* ao pai. Tais dados sugerem que quanto mais inibição de exploração e individualidade os jovens percepcionam na relação com os pais e quanto mais ansiedade de separação à mãe percepcionam, mais dependência reportam na relação romântica. Este último resultado suscitou questionamento, relativamente à existência de diferenças entre sexos dos jovens. A realização de correlações separadamente para ambos os sexos revelou que apenas nos rapazes a correlação entre

dependência na relação romântica e *ansiedade de separação* relativamente à figura materna é significativa (r= .20, p< .05).

Existem ainda correlações negativas significativas entre a dimensão *Dependência* do QVA e as dimensões *QLE* mãe, resultados que sugerem que quanto mais qualidade do laço emocional com os dois pais é experienciada pelos jovens na relação com os pais, menos dependência é percepcionada na relação romântica. Não foram encontradas correlações significativas entre a dimensão *Evitamento* do QVA e as dimensões do QVPM.

3.2.2 – QVPM e QCI

No que respeita às correlações entre o QCI e o QVPM, foram encontradas correlações significativas entre algumas dimensões do QCI e algumas dimensões do QVPM (cf. Quadro 2).

QUADRO 2.

Correlações de Pearson entre as dimensões do QVPM e do QCI

Variáveis	QVPM						
QCI	IEI Mae	IEI Pai	QLE Mae	QLE Pai	AS Mae	AS Pai	IEI Mae
Iniciar relações	,698	,512	,606	,138	,918	,264	,698
Asserções negativas	,769	,584	,038*	,011*	,374	,043*	,769
Disclosure	,561	,245	,167	,128	,313	,127	,561
Suporte emocional	,172	,199	,000**	,000**	,549	,049*	,172
Gestão de conflitos	,040*	,007**	,000**	,000**	,019*	,004**	,040*

*** p < .001; ** p < .01; * p < .05

Foram encontradas correlações positivas significativas entre a dimensão *Suporte Emocional* do QCI e as dimensões *QLE* mãe e *QLE* pai do QVPM. Tais dados sugerem que quanto melhor for a percepção da qualidade do laço emocional dos jovens com os pais, mais eles se percepcionam como sendo mais capazes de fornecer apoio emocional aos outros. Foram também encontradas correlações positivas significativas entre a dimensão *Asserções Negativas* do QCI e as dimensões *QLE* mãe, *QLE* pai e *AS* pai do QVPM. Estes dados sugerem que quanto melhor é a qualidade do laço emocional aos pais, e quanto maior forem os níveis de ansiedade de separação ao pai experienciados, mais os jovens possuirão competências de assertividade. Foram também encontradas correlações significativas entre a dimensão G*estão de Conflitos* do QCI e todas as dimensões do QVPM, sendo que existem correlações significativas negativas com as dimensões *IEI* mãe, o que sugere que quanto mais os jovens se percepcionam como inibidos de explorar o mundo à sua volta, menos se percepcionam como bons gestores do conflito. Existem igualmente correlações significativas, mas, positivas entre a dimensão *Gestão de Conflitos* e as dimensões *QLE* mãe, *QLE* pai, *AS* mãe e *AS* pai, o que indica que quanto mais qualidade no laço emocional com os pais os jovens

percepcionam, mais se percepcionam como capazes de gerir conflitos, e quanto mais ansiedade de separação percepcionam na relação parental, mais se sentem capazes de gerir conflitos.

Para averiguar este último resultado, colocámos a hipótese de que a ansiedade de separação poderá apenas ser negativa quando ultrapassa determinados níveis, e poderá existir alguma ansiedade de separação que não seja necessariamente perturbadora, até porque todas as relações de vinculação geram ansiedade de separação. Criaram-se então três grupos na dimensão *AS pai*, dividindo assim os participantes com baixos níveis de AS, níveis médios de *AS* e altos níveis de *AS*, realizando-se após esta divisão uma nova análise de variância. Os resultados mostram que há diferenças relativamente à dimensão *Gestão de Conflitos* quando o nível de *AS* varia ($F(2, 309)= 4.87$, $p< .01$ $\eta^2= .03$), sendo que quando vamos procurar entre que grupos existem essas diferenças, verificamos que é entre o grupo com baixos níveis de AS (M = 3.24 DP = .77) e o grupo com elevados níveis de AS (M = 3.66 DP = .60). Assim, podemos dizer que estes resultados vão no mesmo sentido dos anteriores, o grupo com maiores níveis de *AS*, é o grupo que se percepciona como gerindo melhor os conflitos. Procurando explorar se há diferenças entre sexos, foram efectuadas novas correlações, que mostraram que a correlação entre *AS* pai e *Gestão de Conflitos* apenas se mantém significativa para as raparigas ($r= .21$, $p< .01$).

3.2.3 – QVPM e Tomada de perspectiva

Por fim, encontramos ainda correlações significativas entre algumas dimensões do QVPM e a dimensão Tomada de perspectiva do IRI. Assim, existem correlações significativas negativas entre a dimensão *Tomada de Perspectiva* do IRI e as dimensões *IEI* mãe ($r= -.18$, $p< .01$) e *IEI* pai ($r= -.20$, $p < .001$), o que sugere que quanto mais os jovens se percepcionam como inibidos pelos pais na sua exploração do mundo, menos se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro; e existem correlações significativas positivas entre a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI e as dimensões *QLE* mãe ($r= .16$, $p< .01$) e *QLE* pai ($r= .18$, $p< .01$) do QVPM, o que sugere que quanto melhor a qualidade do laço emocional percepcionado pelos jovens na relação com os pais, mais eles se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro.

3.2.4 – QCI e QVA

Começando pela correlação entre as dimensões do QCI e do QVA, podemos referir que foram encontradas correlações significativas entre algumas dimensões, sendo que existe uma correlação positiva significativa (r= .23, p < .001) entre a dimensão *Confiança* do QVA e a dimensão *Suporte Emocional* do QCI, o que nos indica que quanto maior o nível de confiança experienciado pelos jovens na relação romântica, mais eles se percepcionam como bons fornecedores de suporte emocional. Existe também uma correlação negativa significativa entre a dimensão *Ambivalência* do QVA e a dimensão *Suporte Emocional* do QCI (r= -.18, p< .01), o que nos indica que quanto mais ambivalência os jovens percepcionam na relação romântica, menos capazes se percepcionam de fornecer suporte emocional.

3.2.5 – Tomada de perspectiva e QVA

No que concerne à correlações entre o QVA e a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI, apenas encontramos uma correlação significativa positiva entre a dimensão *Confiança* do QVA e a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI (r= .14, p=.01), o que sugere que quanto mais confiança percepcionada pelos jovens no seio da relação romântica, mais eles se percepcionam como tomando melhor a perspectiva do outro.

3.2.6 – QCI e Tomada de Perspectiva

Reportando finalmente as correlações entre as dimensões do QCI e a dimensão Tomada de perspectiva do IRI, podemos referir que foram encontradas correlações significativas positivas entre a dimensão *Tomada de perspectiva* do IRI e todas as dimensões do QCI, à excepção da dimensão *Iniciar Relações.* Assim, encontramos correlações positivas significativas entre a *Tomada de perspectiva* e as dimensões *Asserções Negativas* (r= .11, p=.05), *Disclosure* (r= .13, p<.05), *Suporte Emocional* (r= .29, p < .001), e *Gestão de Conflitos* (r= .51, p < .001). Tais resultados sugerem que

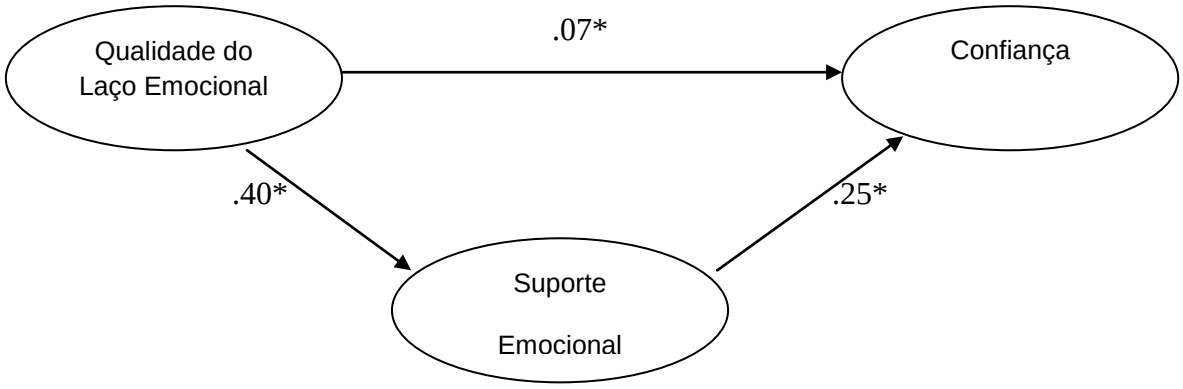
quanto mais os jovens se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro, mais eles se percepcionam capazes nestas competências interpessoais, sendo elas a capacidade de fazer asserções negativas, o *disclosure*, a capacidade de fornecer suporte emocional e a capacidade de gerir conflitos.

3.3- Análises de Modelos de Equações Estruturais

Após as análises de correlação, e tendo em vista alguns resultados obtidos, realizaram três modelos de equações estruturais, de cariz exploratório, no sentido de averiguar então a possível existência de duas variáveis mediadoras entre a dimensão *QLE* do QVPM e a dimensão *Confiança* do QVA, sendo elas a *Tomada de perspectiva* e o *Suporte Emocional*. Averiguamos ainda a possível existência de uma variável mediadora entre a dimensão *IEI* do QVPM e a dimensão *Gestão de Conflitos* do QCI, sendo ela a *Tomada de perspectiva*.

Assim, e no que diz respeito à primeira hipótese de mediação, ela pretendia testar se o Suporte Emocional é uma variável mediadora na associação entre a Qualidade do Laço Emocional aos pais e a Confiança na relação romântica.

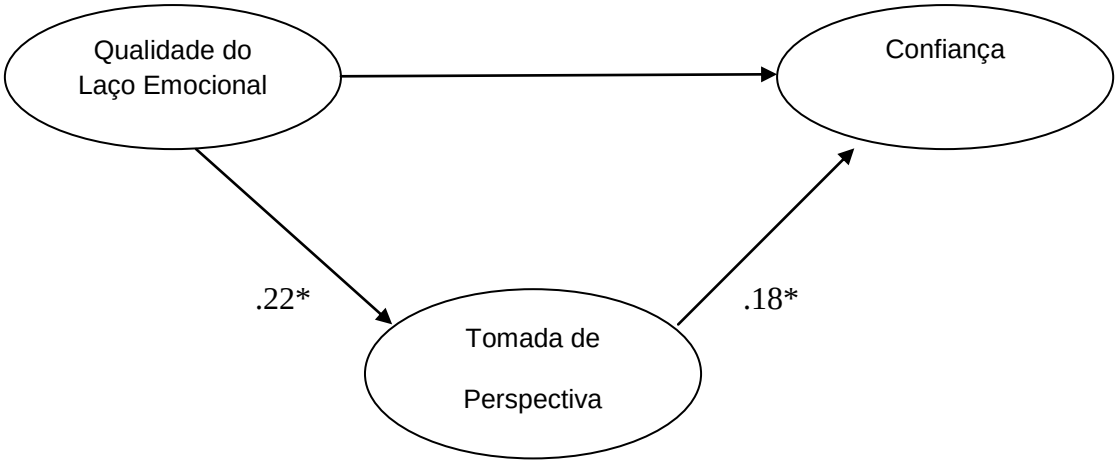
Verificámos que realmente tal facto de verifica, na medida em que, existe uma relação directa significativa, ainda que de muito pequena magnitude, entre as dimensões *QLE* do QVPM e *Confiança* do QVA ($r=0.07$ $p< .05$), e que deixa de existir, quando estamos em presença da variável *Suporte Emocional*, ou seja, a relação passa a fazer-se através da variável *Suporte Emocional*, o que indica uma mediação total (cf. fig. 2).. Assim, podemos dizer que a qualidade do laço emocional aos pais é preditora da competência de fornecer suporte emocional aos outros, e que, a competência de fornecer suporte emocional aos outros, é preditora do experienciar de confiança na relação romântica.



$X^2_{(301)} = 24.29$ p <.05, CFI= .99, SRMR= .083 e RMSEA= .03

Figura 2 . Modelo Estrutural de Mediação entre QLE e Confiança com presença da variável Suporte Emocional

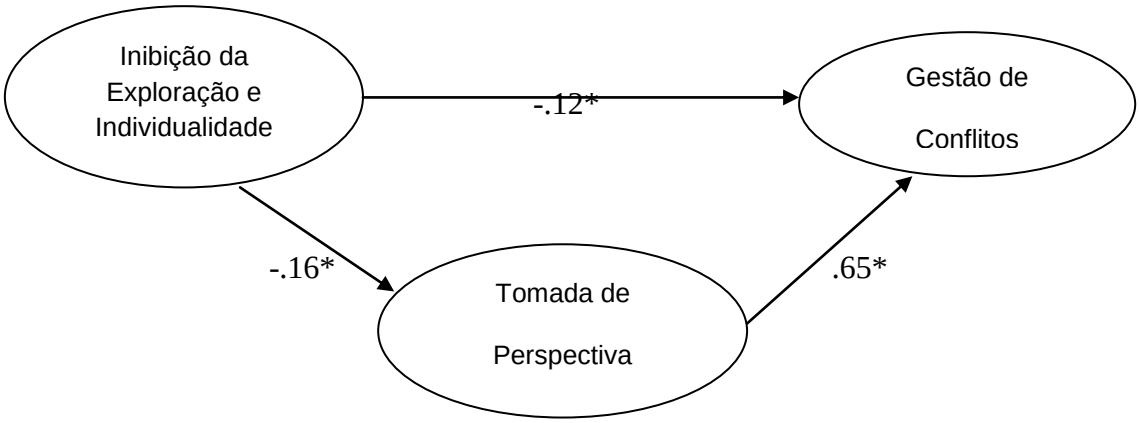
O segundo modelo de mediação testado, procurava averiguar se a variável *Tomada de perspectiva* é uma variável mediadora entre a dimensão *QLE* do QVPM e a dimensão *Confiança* do QVA. Verificámos que não existe uma relação directa entre a variável *QLE* do QVPM e a dimensão *Confiança* do QVA, mas que, a variável *QLE* do QVPM está significativamente correlacionada com a variável Tomada de Perspectiva, que por sua vez está positivamente correlacionada com a variável Confiança do QVA (cf. fig. 3). Assim, existe uma relação indirecta e não mediada entre as duas variáveis. Podemos concluir que a qualidade do laço emocional aos pais é preditora da capacidade de tomar a perspectiva do outro, que por seu turno é preditora do desenvolvimento da confiança na relação romântica.



$X^2_{(301)}$ = 23.67 p <.17, CFI= .99, SRMR= .080 e RMSEA= .03

Figura 3 . Modelo Estrutural de Mediação entre QLE e Confiança com presença da variável Tomada de Perspectiva

O último modelo estrutural testado, decorreu dos resultados obtidos nas análises correlacionais, e procurava testar se a variável Tomada de Perspectiva, era uma variável mediadora entre a variável IEI do QVPM e a variável Gestão de Conflitos do QCI. Os resultados, mais uma vez, mostraram que existe um efeito de mediação total entre as variáveis. Efectivamente, existe uma relação significativa negativa entre a dimensão IEI do QVPM e a dimensão Gestão de Conflitos do QCI (r= - .12 p < .05), relação esta que desaparece na presença da variável Tomada de perspectiva, o que sugere que a relação será feita através desta variável. Assim, podemos referir que a inibição de exploração e individualidade por parte dos pais é preditora da tomada de perspectiva, no sentido negativo, isto é, uma menor inibição de exploração do mundo por parte dos pais, é geradora de uma maior capacidade de tomar a perspectiva do outro. Por sua vez, a capacidade de tomar a perspectiva do outro, prediz significativamente a capacidade de gerir conflitos (cf. fig. 4).



$X^2_{(301)} = 28.12$ p <.05, CFI= .99, SRMR= .080 e RMSEA= .04

Figura 4 . Modelo Estrutural de Mediação entre IEI e Gestão de Conflitos

4. Discussão dos Resultados

Primeiramente tínhamos por objectivo compreender as competências sociais e a tomada de perspectiva à luz dos processos de vinculação aos pais e ao par romântico, e, posteriormente, avançar na exploração de algumas variáveis mediadoras entre a vinculação parental e a vinculação amorosa.

Os resultados encontrados no estudo permitem-nos reflectir sobre uma série de questões. Começaremos por reflectir acerca dos resultados das análises diferenciais, avançaremos depois para a discussão dos resultados das análises correlacionais, e por fim, exploraremos os resultados dos modelos de equações estruturais efectuadas neste estudo empírico.

Começando pelos resultados diferenciais, podemos referir que foram encontradas alguns resultados esperados, e alguns surpreendentes em certa medida e acerca das quais valerá a pena reflectir.

Assim, no que diz respeito ao QVA, encontramos que as raparigas têm maior tendência para confiar quando estão envolvidas numa relação romântica e os rapazes mostraram-se mais dependentes e mais evitantes na vivência das suas relações. Esta maior dependência dos rapazes foi de alguma forma inesperada, mas tal facto pode

dever-se a uma mudança nos estereótipos sociais masculino e feminino. É certo que os tempos estão a mudar, e também estaremos perante um grupo de rapazes em condições especiais. Estes rapazes são em média mais novos que as raparigas, vivem relações tão longas como elas, estão igualmente satisfeitos com as suas relações e no entanto mostram níveis maiores de dependência. Hoje em dia é vulgar ouvirmos os jovens dizer "os rapazes custam mais a apaixonar-se, mas quando gostam fazem tudo", quem sabe poderá ser este dado revelador de uma maior entrega à relação por parte dos rapazes a ponto de dependeram desta, mais do que as raparigas. Estes adolescentes poderão também ser mais dependentes, precisamente por terem começado estas relações românticas muito novos, e estarem nelas há muito tempo. Por outro lado, podemos também avançar outra explicação para este resultados. As raparigas poderão ter sido mais defensivas a relatarem a sua dependência, por uma necessidade de se afirmarem como independentes, uma vez que a mulher dos dias actuais, e após muito tempo de repressão, poderá ter esta necessidade de afirmação.

Quanto ao evitamento, os rapazes são mais evitantes, tal como já foi encontrado anteriormente (Matos, 2002), bem como a confiança mais demonstrada por parte das raparigas. Poderíamos esperar encontrar diferenças na vinculação amorosa quanto à idade, esperando que os mais velhos fossem potencialmente mais confiantes, uma vez que com o aumento da idade, verifica-se uma tendência para a procura de proximidade emocional, manifestada através da interdependência, da reciprocidade, e da diversidade de actividades que ocorrem entre os parceiros bem como através de interacção social diária (Adams *et al*., 2001 *cit in* Matos, 2006). Tal suposição não se verifica, o que pode sugerir que as relações românticas são cada vez mais cedo vivenciadas de forma semelhante às estabelecidas pelos jovens mais velhos. O mesmo acontece relativamente à duração da relação, que não influencia os resultados da vinculação amorosa, o que é inesperado, uma vez que seria de esperar que relações mais duradouras, potenciassem o desenvolvimento de relações seguras e confiantes.

Em relação ao *QVPM*, encontrámos diferenças relativamente à idade nas dimensões *IEI* à mãe e ao pai e *AS* ao pai. Assim, os jovens até aos 18 anos de idade percepcionam-se como sendo-lhe menos permitido explorar o mundo e a sua identidade, o que de resto é facilmente explicado pelo facto de aos jovens com menos idade os pais permitiram menos exploração, controlarem mais as suas vidas, por questões até de

preocupação com o que lhes possa acontecer. Há toda uma difusão pelos meios de comunicação social dos perigos a que os jovens estão expostos, o que provavelmente dificulta a tarefa dos pais de permitiram uma exploração aberta do mundo aos seus filhos. Relativamente à dimensão da ansiedade de separação, não é inesperado que sejam os jovens mais novos que apresentem maiores níveis de ansiedade de separação, na medida em que não possuem ainda uma autonomia e independência que lhes permita regular emocionalmente as separações parentais. De qualquer modo, este resultado foi observado apenas na relação com o pai, o que pode ser talvez explicado pela relação com a mãe ser pautada por mais segurança. Um resultado muito interessante foi observado relativamente á variável duração da relação, verificando-se que os jovens com relações românticas que duram há mais tempo, percepcionam-se como experienciando menos ansiedade de separação face às figuras parentais, o que de resto é compreensível, na medida em que estes jovens deixaram de estar emocionalmente dependentes das figuras parentais, explorando as relações de amizade e relações íntimas, tornando-se consequentemente mais autónomos das figuras parentais e menos ansiosos face à separação destas (Scharf & Mayseless, 2007).

Partindo agora para uma discussão dos resultados diferenciais ao nível do QCI, encontramos diferenças relativamente ao sexo nas suas dimensões, sendo que os rapazes se percepcionam como sendo melhores a iniciar relações e as raparigas se percepcionam como melhores fornecedoras de suporte emocional. Tal dado vai de encontro aos estereótipos sociais para os papéis feminino e masculino. Efectivamente julga-se serem os rapazes os que possuem maior capacidade de iniciar uma conversa com uma rapariga, de procurarem contacto. Provavelmente tal facto acontecerá quando falamos de pessoas do sexo oposto, e eventualmente poderá não acontecer quando falamos de indivíduos do mesmo sexo. As raparigas são efectivamente ligadas a uma imagem de suporte emocional sendo que não quer dizer que os rapazes não forneçam suporte social, mas é socialmente menos bem visto que se identifiquem com essa imagem. Nestes itens os rapazes poderão ter respondido de acordo com o que seria esperado de um rapaz e não eventualmente de acordo com a sua realidade. Em relação à variável idade, encontramos diferenças na dimensão *Gestão de Conflitos*, sendo os mais velhos os que se percepcionam como melhores gestores de conflitos, o que de resto sugere que com a idade os jovens poderão adquirir mais competências de gestão de conflitos.

Relativamente à dimensão *Tomada de Perspectiva*, apenas foram encontradas diferenças relativamente à idade, sendo os jovens mais velhos os que melhor se consideram capazes de tomar a perspectiva do outro, o que de resto não é estranho, e pode sugerir que com a idade esta capacidade pode ser mais desenvolvida.

Procurando agora discutir as análises correlacionais, e começando nas correlações entre *QCI* e *QVPM,* foram observadas correlações significativas, ainda que de baixa magnitude. Assim, verificámos que quanto melhor for a percepção da qualidade do laço emocional dos jovens com os pais, mais eles se percepcionam como sendo capazes de fornecer apoio emocional aos outros, o que indicia que numa relação parental com laços seguros, ocorre a aquisição de competências interpessoais, como já foi encontrado anteriormente (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). Por sua vez, os resultados mostraram que quanto melhor é a qualidade do laço emocional aos pais, e quanto maior a percepção de ansiedade de separação ao pai experienciados, mais os jovens possuirão competências de assertividade. Tal dado é concordante com o anterior, mas no que concerne à ansiedade de separação é de facto inesperado que sejam os jovens com maior ansiedade de separação os que se percepcionam como os mais assertivos. Analisando como estão operacionalizadas estas dimensões, poderemos adiantar algumas hipóteses explicativas. A ansiedade de separação diz sobretudo respeito ao experienciar de ansiedade em episódios de separação das figuras parentais, sentir que não se consegue viver longe das figuras parentais. A assertividade refere-se sobretudo ao ser capaz de confrontar um amigo quando ele tem atitudes que de alguma forma magoam ou incomodam o indivíduo. Poderemos postular que a ansiedade de separação será indicadora de indivíduos preocupados na sua relação com os outros, e como tal, eventualmente mais confrontativos nas suas relações de amizade.

Verificámos ainda que quanto mais os jovens se percepcionam como inibidos de explorar o mundo à sua volta, menos se percepcionam como bons gestores do conflito, o que pode ser facilmente explicado, se tivermos em conta que uma exploração do mundo e das relações com os outros é potenciadora de conflito e como tal do desenvolver de estratégias para o gerir. Finalmente os dados mostraram que quanto mais qualidade no laço emocional com os pais os jovens percepcionam, mais se percepcionam como capazes de gerir conflitos, e que, no sexo feminino, quanto mais

ansiedade de separação percepcionam na relação parental, mais se sentem capazes de gerir conflitos.

No que diz respeito às correlações entre *QVA* e *QCI*, foi encontrada uma correlação positiva entre a dimensão *Confiança* do *QVA* e a dimensão *Suporte Emocional* do *QCI*, o que mostra que o possuir de mais competências de fornecimento de suporte emocional aos outros, proporciona maiores níveis de confiança na relação romântica (Twentyman, Boland, & McFall, 1981 *cit in* Buhrmester & Furman, 1988). Tal resultado é facilmente compreendido, na medida em que, o experienciar de confiança na relação amorosa, gerará uma maior capacidade de fornecer suporte emocional ao outro, de o ajudar em momentos de vida complicados e ter a disponibilidade de pensar no outro e no que ele precisa, mais do que em si próprio.

Encontrámos ainda uma correlação negativa entre a dimensão *Ambivalência* do *QVA* e a dimensão *Suporte Emocional* do *QCI*, o que revela que o facto de os jovens possuírem menos competências de fornecimento de suporte emocional, gera ambivalência na relação romântica, e que como tal, quanto mais fornecedores de suporte emocional os jovens forem, menos ambivalência experienciam na relação romântica. Este dado é também de fácil compreensão, na medida em que o fornecimento de suporte emocional, gerador de confiança na relação, deixa menos espaço para as dúvidas da ambivalência, a capacidade de fornecer um suporte emocional consistente e coerente, potenciará o acreditar na consistência do amor do companheiro romântico.

Os dados destas correlações são de alguma forma apoiantes de parte da nossa hipótese que postula que a relação com os pais potencia a aquisição de competências sociais, na medida em que há efectivamente competências interpessoais que são adquiridas no seio da relação parental (essencialmente a capacidade de fornecer suporte emocional, pelos nossos resultados) que promovem maiores níveis de confiança e menores níveis de ambivalência na relação romântica.

Analisando os resultados das correlações entre *QVA* e a *Tomada de Perspectiva*, verificámos que quanto mais confiança percepcionada pelos jovens no seio da relação romântica, mais eles se percepcionam como tomando melhor a perspectiva do outro, o que vem suportar a ideia de que as competências de empatia, aqui na forma de tomar a perspectiva do outro, são potenciadoras de um clima de confiança na relação romântica.

Para termos agora uma noção de como esta competência da *Tomada de Perspectiva* se correlaciona com as dimensões da vinculação parental, verificamos que quanto mais os jovens se percepcionam como inibidos pelos pais na sua exploração do mundo, menos se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro e que quanto melhor a qualidade do laço emocional percepcionado pelos jovens na relação com os pais, mais eles se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro, o que evidencia que esta competência é, pelo menos em parte, adquirida no seio da relação parental, como alguns estudos já mostraram (Britton & Fuendeling, 2005; Laible, Carlo & Roesch, 2004), de resto é fácil compreender que uma relação parental com laços fortes, seja pautada pela compreensão, e se, os pais são capazes de tomar a perspectiva dos filhos, de compreender que precisam de explorar do mundo, é natural que estes jovens sejam mais capazes de tomar a perspectiva do outro.

Estes dados, muito embora sejam apenas correlações, poderão ir de encontro à nossa hipótese de que a empatia, medida neste estudo através da tomada de perspectiva, pode ser adquirida no seio da relação parental e ser potenciadora de relações românticas pautadas pela confiança.

Reportando-nos agora aos resultados obtidos ente *QCI* e *Tomada de Perspectiva*, estes mostram que quanto mais os jovens se percepcionam como capazes de tomar a perspectiva do outro, mais eles se percepcionam capazes nestas competências interpessoais, sendo eles a capacidade de fazer asserções negativas, o *disclosure*, a capacidade de fornecer suporte emocional e a capacidade de gerir conflitos. Tais dados são facilmente explicáveis, na medida em que a capacidade de tomar a perspectiva do outro pode ser encarada como uma competência interpessoal e como tal seria esperado que estivesse positivamente correlacionada com as dimensões do *QCI*. O facto de não haver uma correlação positiva com a dimensão *Iniciar Relações* poderá ser explicado pela natureza diferente desta dimensão. De facto iniciar relações com pessoas desconhecidas não exige nem envolve necessariamente a capacidade de tomar a perspectiva do outro.

Relativamente às correlações entre QVA e QVPM, verificámos que quanto maior é a percepção de inibição de exploração e individualidade exercida por parte do pai, e quanto maior é a percepção de ansiedade de separação, menor é a confiança

percepcionada na relação romântica. Assim, é natural que jovens a quem pouca exploração é permitida, tenham mais dificuldade em estabelecer relações românticas pautadas pela confiança, bem como jovens que têm maiores níveis de separação face ao pai, sejam menos capazes de se envolve num clima confiante, uma vez que, o fornecimento de autonomia por parte dos pais, potencia o vivenciar de experiências por parte do jovem que lhe permitirão o estabelecimento de relações românticas (Collins, Welsh, & Furman, 2009; Connolly et al. 2004; Scharf & Mayseless, 2007). Verificamos assim, que a vinculação parental tem efeitos na vinculação ao par romântico, pese embora com maior peso a relação com o pai, o que já foi observado noutros estudos. Tal facto pode ser indiciador de que as relações dos jovens com mãe e pai são efectivamente diferentes e se pautam por vivências diferentes, provavelmente a inibição de que são alvo por parte da mãe, e até mesmo a ansiedade de separação face a esta, que é mais regularmente a figura primordial de vinculação, não parece influenciar a vivência de uma relação romântica pautada pela confiança.

Verificámos também que quanto maior a inibição de exploração e individualidade na relação com ambos os pais e quanto maior a ansiedade de separação, mais ambivalência é percepcionada na relação romântica. Tal dado não vai de encontro ao anterior, mas no entanto é concordante com o que seria esperado, na medida em que esta inibição e estes elevados níveis de ansiedade de separação poderão de facto ser geradores de uma vinculação ambivalente face às figuras parentais que poderá ser transportada para a relação romântica. Existe também uma correlação negativa significativa entre a dimensão *Ambivalência* do *QVA* e a dimensão *QLE* mãe do *QVPM*, o que sugere que quanto melhor a qualidade de laço emocional com a mãe percepcionada pelos jovens, menos ambivalência é percepcionada na relação romântica, o é expectável. Mais uma vez a mãe demonstra resultados diferentes do pai. Mais uma vez se observa que, um laço emocional seguro com a mãe, como figura primordial de vinculação, terá maior influência do que um laço emocional seguro com o pai, na medida em que a qualidade destas relações eventualmente é vista de formas diferentes, assumindo eventualmente as mães papéis mais de confidentes e cúmplices do que os pais.

Verificámos ainda que quanto mais inibição de exploração e individualidade os jovens percepcionam na relação com os pais e quanto mais ansiedade de separação à

mãe percepcionam, mais dependência percepcionam na relação romântica. Tais dados não serão difíceis de explicar, na medida em que, no que diz respeito à dependência, os jovens parecem reproduzir o padrão percepcionado na relação parental, pais dos quais os jovens estão dependentes, sendo-lhes dada pouca individualidade, poderão gerar a repetição deste padrão na relação romântica. No que concerne à ansiedade de separação face à mãe, os resultados revelam que os jovens, e apenas os do sexo masculino, quanto maior ansiedade de separação experienciam face à mãe, mais dependentes são nas suas relações com as suas namoradas, reproduzindo então o padrão de dependência face a uma figura feminina.

Os resultados mostram ainda que quanto melhor a qualidade do laço emocional com ambos os pais é experienciada pelos jovens na relação com os pais, menos dependência é percepcionada na relação romântica, o que vem de encontro aos resultados anteriores. No que diz respeito ao evitamento, este parece não estar relacionado com a percepção que os jovens têm acerca da relação com os pais, e estar mais ligado a dinâmicas próprias da relação romântica.

Discutindo agora os resultados dos modelos de equações estruturais testados, estes sustentaram a existência de uma mediação efectiva entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, que se fará através do suporte emocional, o que vem de encontro aos dados de outros estudos analisados, que encontraram que os jovens que possuem uma relação segura com os pais, terão mais competências sociais (Engels, Finknauer, Meeus, & Dekovic, 2001). De facto, todas as outras variáveis de competência interpessoal analisadas, não se revelaram mediadoras, nem mostraram influenciar as relações entre a vinculação parental e a vinculação amorosa.

Se bem que as análises sejam fundamentalmente de cariz exploratório, encontrámos um efeito mediador entre a *IEI* e a *Gestão de Conflitos*, através da *Tomada de Perspectiva*, o que confirma que a relação parental pode de facto ser um clima favorável ao desenvolvimento de competências sociais. Facilmente se compreendem tais resultados, na medida em que, efectivamente é expectável que pais que permitem aos seus filhos uma exploração do mundo à sua volta, respeitando-os e procurando compreendê-los, facilitarão a aquisição, por parte destes, de competências de tomada de perspectiva do outro, que por sua vez, facilmente se compreende que permitam aos

jovens uma maior capacidade de gerir conflitos. Encontrámos ainda um efeito indirecto entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, feito através da variável *Tomada de Perspectiva*, o que sugere que de facto há relações entre a vinculação parental e amorosa que podem fazer-se através de outras variáveis e não de forma directa. Assim, não existe uma relação significativa entre a vinculação parental e a vinculação amorosa, o que se modifica na presença da variável *Tomada de Perspectiva.* É interessante verificar que das variáveis em estudo, é a variável *Tomada de Perspectiva*, que parece estabelecer as relações entre outras variáveis, o que denota que efectivamente o interesse desta variável neste domínio, e de estudar as variáveis relacionadas ao constructo da empatia.

5. Conclusões, Limitações e Pistas para Investigação Futura

Podemos dizer que os resultados encontrados neste estudo apontam para uma associação significativa entre algumas competências interpessoais e a vinculação parental, e por sua vez existem também associações entre estas mesmas competências interpessoais e a vinculação ao par romântico. Estes resultados poderão ser indicadores de que, tal como era postulado, poderão existir variáveis mediadoras nesta relação, mais especificamente, o suporte emocional e a tomada de perspectiva, que surgem como especialmente relevantes nesta associação.

A este estudo podem ser apontadas algumas limitações que importa referir.

A amostra utilizada poderia ter sido mais equilibrada no que diz respeito à idade e escolaridade, sendo que existe um forte desequilíbrio, constando da mesma, poucos jovens do ensino universitário.

O conceito de mediação não foi explorado na sua plenitude, tendo sido realizadas apenas algumas análises de cariz exploratório. Para colmatar esta falha, e em investigação futura no tema, poderão ser efectuadas análises mais complexas no programa EQS (Structural Equation Modeling Software).

Não pode também ser esquecido, futuramente, o papel dos pares na aquisição de competências sociais e de tomada de perspectiva, que contribuirão para relações românticas mais seguras e confiantes. Este estudo debruçou-se apenas sobre a relação parental, e futuras investigações poderão debruçar-se sobre o papel dos pares na aquisição destas competências, que se adivinhará como relevante.

Uma lacuna detectada no decorrer desta investigação foi a não existência de instrumentos adequados de avaliação da empatia, vista do ponto de vista clínico, pelo que a sua adaptação ou construção se revelaria de extrema utilidade.

Futuramente, poderá ter interesse, estudar a possível existência de outras variáveis mediadoras nesta relação entre vinculação parental e vinculação amorosa na adolescência, tais como a inteligência emocional, que poderá desempenhar um papel relevante na medida em que as orientações de vinculação incorporam regras cognitivas e afectivas e estratégias que guiam as reacções emocionais nos indivíduos e nas relações. Pessoas seguras, ansiosas - ambivalentes e evitantes, empregarão diferentes estratégias de regulação dos afectos e de processamento de informação relativa às emoções (Shaver, Collins, & Clark, 1996).

Poderá ainda ser interessante aprofundar alguns resultados revelados neste estudo, nomeadamente averiguar esta nova descoberta de elevados níveis de dependência na vinculação amorosa em rapazes adolescentes e seus motivos.

Referências Bibliográficas

Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy, P.R. Shaver (Ed), *Handbook of Attachment: theory, research, and clinical application*. New Work: The Guilford Press.

Bohart, A., Elliot, R., Greenberg, L., & Watson, J. (2002). Empathy. In J. C. Norcross (Ed.), *Psychotherapy relationships that work* (pp. 89-108). New York: Oxford University Press.

Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Vol 1*. Attachment. New York: Basic Books

Britton, P., & Fuendeling, J. (2005). The relations among varieties of adult attachment and the components of empathy. *The Journal of Social Psychology, 145*, 519-530.

Buhrmester, D., Furman, W., Wittenberg, M., & Reis, H. (1988). Five domains of interpersonal competence in peer relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 6*, 991-1008.

Choplan, B., McCain, M., Carbonell, J., & Hagen, R. (1985). Empathy: Review of available measures. *Journal of Personality and Social Psychology, 48*, 635-653.

Collins, W. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships in Adolescence. *Journal of Research on Adolescence, 13,* 1-24.

Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment: New developments and emerging themes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research and clinical implications*. New York: The Guilford Press.

Collins, W., Welsh, D., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology, 60*, 631-652.

Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Adolescence, 14*, 185-207.

Cooper, M., Shaver, P., & Collins, N. (1998). Attachment styles, emotional regulation, and adjustment in adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology, 74*, 1380-1397.

Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology, 44*, 113-126.

Edwards, J., & Lambert, L. (2007). Methods for integrating moderation and mediation: A general analytical framework using moderated path analysis. *Psychological Methods, 12*, 1-22.

Engels, R., Finknauer, C., Meeus, W., & Dekovic, M. (2001). Parental attachment and adolescents' emotional adjustment: The associations with social skills and relational competence. *Journal of Counseling Psychology, 48,* 428-439.

Feeney, B., Cassidy, J., & Ramos-Marcuse, F. (2008). The generalization of attachment representations to new social situations: Predicting behavior during initial interactions with strangers. *Journal of Personality and Social Psychology, 6,* 1481-1498.

Furman, W., Wehner E. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W.A. Collins (Eds.), Romantic relationships in adolescence, 21-36.

Gullone, E., & Robinson, K. (2005). The inventory of parent and peer attachment – revised (*IPPA-R*) for children: A psychometric investigation. *Clinical Psychology and Psychotherapy, 12*, 67-79.

Haugen, P., Welsh, D., & McNulty, J. (2008). Empathic accuracy and adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescence, 31,* 709-727.

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.

Kanning, U. (2006). Development and validation of a german-language version of the interpersonal competence questionnaire (ICQ). *European Journal of Psychological Assessment, 22*, 43-51.

Laible, D., Carlo, G., & Roesch, S. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviors. *Journal of Adolescence, 27,* 703-716.

Mallinckrodt, B. (2000). Attachment, social competencies, social support and interpersonal process in psychotherapy. *Psychotherapy Research, 10,* 239-266.

Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*: Faculdade de Psicologia, Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica , 41,* 9-24.

Matos, P. M., & Costa, M. E. (2004). *Assessing attachment representations in adolescence: The Father/Mother Attachment Questionnaire*: Paper presented in the 9th Conference of EARA, Porto.

Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 11,* 93-109.

Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H., & Costa, M. E. (1999). Parental attachment and identity in portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence, 22,* 805-818.

Mayseless, O. & Scharf, M. (2007). Adolescents' attachment representations and their capacity for intimacy in close relationships. *Journal of Research on Adolescence, 17*, 23-50.

Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Competências sociais e variáveis relacionadas em adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura, 12*, 61-86.

Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Rogers, C. (1975). Empathic: An unappreciated way of being. *The Counseling Psychologist, 5*, No. 2-10.

Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: a new look at developmental processes of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent Development, 117*.

Schneider, B., & Younger, A. (1996). Adolescent-parent attachment and adolescents' relations with peers: A closer look. *Youth & Society, 28*, 95-108.

Shaver, P. R., Collins, N., & Clark, C. L. (1996). Attachment styles and internal working models of self and relationship partners. In G. J. O. Fletcher & J. Fitness (Eds.), *Knowledge structures in close relationships: A social psychological approach*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: Age- and gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Adolescence, 10*, 99-118.

Wied, M., Branje, S., & Meeus, W. (2007). Empathy and conflict resolution in friendship relations among adolescents. *Aggressive Behavior, 33*, 48-55.

ANEXOS

Anexo 1.

Protocolo Administrado

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O questionário que se segue insere-se num estudo acerca das relações românticas no período da adolescência e juventude. Não existem respostas certas ou erradas, pelo que lhe solicitamos que responda em função de si e das suas experiências. As respostas ao questionário são anónimas e confidenciais.

Apresentam-se, de seguida, grupos de questões, cujas instruções são explicitadas; pedimos para responder de acordo com as mesmas e para não deixar nenhuma resposta em branco.

A sua colaboração é da máxima importância para o prosseguimento do estudo que desenvolvemos, daí que lhe agradeçamos, desde já, a sua participação.

A. QVA (Matos & Costa, 2001)

Este questionário procura descrever diferentes maneiras das pessoas se relacionarem com o(a) namorado(a). Leia atentamente cada uma das frases e assinale com ir círculo a resposta que melhor exprime o modo como se sente com **o(a) seu(sua) namorado(a).**

Se **actualmente não** tem um(a) namorado(a), mas já teve no passado, responda ao questionário, reportando-se à relação mais duradoura.

Se **nunca** teve um(a) namorado(a), responda ao questionário, **imaginando como gostaria que fosse** uma relação de namoro.

Se nunca teve um(a) namorado(a), mas tem **"curtido",** responda ao questionário, reportando-se a essas experiências.

Antes de começar a responder, assinale com uma cruz a opção que corresponde ao que actualmente se passa consigo. Se optar por uma das primeiras alíneas, indique também quanto tempo dura ou durou a relação com o(a) seu(sua) namorado(a).

Duração da Relação

● Neste momento, eu tenho namorado(a) ☐ _____

● Já namorei, mas neste momento não tenho ninguém ☐ _____

● Nunca tive nenhum namorado(a), mas tenho "curtido" ☐

● Nunca tive nenhum namorado(a) ☐

Em que medida se sente **satisfeito**/a com a sua relação? **1 2 3 4 5 6 7**

(circunde o algarismo que mais se adequa a si, em que 1 é nada satisfeito e 7 é muito satisfeito)

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente ①	Discordo ②	Discordo Moderadamente ③	Concordo Moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo Totalmente ⑥

1.	O(A) meu(minha) namorado(a) respeita os meus sentimentos**.**	① ② ③ ④ ⑤
2.	Gostava de ser a pessoa mais importante para ela(e), mas não estou certo(a)	① ② ③ ④ ⑤
3.	A(O) minha(meu) namorada(o) compreende-me.	① ② ③ ④ ⑤
4.	Só consigo enfrentar situações novas, se ele(a) estiver comigo.	① ② ③ ④ ⑤
5.	Às vezes sinto admiração por ele(a); outras vezes não.	① ② ③ ④ ⑤
6.	Não sei o que me vai acontecer se a nossa relação terminar.	① ② ③ ④ ⑤
7.	Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.	① ② ③ ④ ⑤
8.	Sei que posso contar com a(o) minha(meu) namorada(o) sempre que precisar	① ② ③ ④ ⑤
9.	Sei que, se a minha relação terminar, isso não me vai afectar muito.	① ② ③ ④ ⑤
10.	Ele(a) dá-me coragem para enfrentar situações novas.	① ② ③ ④ ⑤
11.	Eu e o(a) meu(minha) namorado(a) é como se fôssemos um só.	① ② ③ ④ ⑤
12.	Prefiro que ele(a) me deixe em paz e não ande sempre atrás de mim.	① ② ③ ④ ⑤
13.	Não gosto de lhe pedir apoio porque sei que nunca me compreenderia.	① ② ③ ④ ⑤
14.	Ela(e) tem uma importância decisiva na minha maneira de ser.	① ② ③ ④ ⑤
15.	Tenho sempre a sensação de que a nossa relação vai terminar.	① ② ③ ④ ⑤
16.	Sempre achei que, apesar de gostar do(a) meu(minha) namorado(a), não vou	① ② ③ ④ ⑤
17.	Às vezes acho que ela(e) é fundamental na minha vida; outras vezes não.	① ② ③ ④ ⑤
18.	Confio nele(a) para me apoiar em momentos difíceis da minha vida.	① ② ③ ④ ⑤
19.	Tenho dúvidas se sou realmente importante para ele(a).	① ② ③ ④ ⑤
20.	Não preciso dos cuidados do(a) meu(minha) namorado(a).	① ② ③ ④ ⑤
21.	Ele(a) desilude-me muitas vezes.	① ② ③ ④ ⑤
22.	Quando vou a algum sítio desconhecido, sinto-me melhor se ele(a) estiver	① ② ③ ④ ⑤
23.	Quando tenho um problema, prefiro ficar sozinho(a) a procurar a(o)	① ② ③ ④ ⑤
24.	Tenho medo de ficar sozinho(a), se perder a(o) minha(meu) namorada(o).	① ② ③ ④ ⑤
25.	As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver.	① ② ③ ④ ⑤

B. QVPM (Matos & Costa, 2001)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (**X**) as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com cada um dos seus pais. Responda em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente ①	Discordo ②	Discordo Moderadamente ③	Concordo Moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo Totalmente ⑥

	PAI	MÃE
1. Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
2. Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
3. É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
4. Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
6. Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
7. Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
8. Os meus pais conhecem-me bem.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

Discordo Totalmente ①	Discordo ②	Discordo Moderadamente ③	Concordo Moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo Totalmente ⑥

		PAI	MÃE
9.	Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
10.	Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
11.	Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
12.	Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
13.	Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
14.	Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
15.	Eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
16.	Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
17.	Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
18.	Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
19.	Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
20.	Sei que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

Discordo Totalmente ①	Discordo ②	Discordo Moderadamente ③	Concordo Moderadamente ④	Concordo ⑤	Concordo Totalmente ⑥

		PAI	MÃE
21.	Faço tudo para agradar aos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
22.	Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
23.	Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
24.	Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
25.	Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
26.	Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
27.	Os meus pais fazem-me sentir bem comigo próprio(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
28.	Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
29.	Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
30.	Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6

C. QCI (Buhrmester, Furman, Wittenberg & Reis, 1988, Adaptação de Assunção, & Matos, 2008)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações interpessoais.
Leia atentamente cada uma das frases e assinale a resposta que melhor se relaciona consigo.
Responda de acordo com as indicações dadas no quadro apresentado:

1	2	3	4	5
Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível	**Não sou bom nisto; Sentir-me-ia desconfortável e teria muita dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou razoável nisto; Sentir-me-ia um pouco desconfortável e teria alguma dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou bom nisto; Sentir-me-ia bem e capaz de lidar com esta situação**	**Sou muito bom nisto; Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.**

1.	Pedir ou sugerir a alguém desconhecido que se juntem e façam algo juntos. Ex. Saírem juntos.	1 2 3 4 5
2.	Dizer a um amigo que não gosta da maneira como ele(a) o(a) tem tratado.	1 2 3 4 5
3.	Revelar algo íntimo acerca de si enquanto fala com alguém que acaba de conhecer.	1 2 3 4 5
4.	Ajudar um amigo próximo a reflectir sobre uma decisão importante na vida. Ex. Escolha da profissão.	1 2 3 4 5
5.	Ser capaz de admitir que pode estar errado(a) quando um desentendimento com um amigo próximo se começa a tornar num conflito sério	1 2 3 4 5
6.	Encontrar e sugerir coisas para fazer com pessoas desconhecidas que ache interessantes.	1 2 3 4 5
7.	Dizer "não" a alguém em quem está interessado(a) quando lhe pede para fazer algo que não quer fazer.	1 2 3 4 5
8.	Confiar num novo amigo e deixá-lo ver o seu lado mais sensível.	1 2 3 4 5
9.	Ser capaz de escutar pacientemente um amigo.	1 2 3 4 5
10.	Ser capaz de pôr de parte os ressentimentos quando está a discutir com um amigo próximo.	1 2 3 4 5
11.	Ser capaz de manter uma conversa com alguém que gostaria de vir a conhecer melhor.	1 2 3 4 5
12.	Recusar um pedido de um amigo quando acha que não faz sentido.	1 2 3 4 5
13.	Dizer a um novo amigo coisas acerca de si das quais tem vergonha.	1 2 3 4 5
14.	Ajudar um amigo a chegar à questão central de um problema que ele está a viver.	1 2 3 4 5
15.	Quando está a ter um conflito com um amigo próximo, ouvir realmente a suas queixas e não tentar adivinhar o que pensa.	1 2 3 4 5
16.	Ser uma pessoa interessante e divertida num primeiro contacto.	1 2 3 4 5

1	2	3	4	5
Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível	**Não sou bom nisto; Sentir-me-ia desconfortável e teria muita dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou razoável nisto; Sentir-me-ia um pouco desconfortável e teria alguma dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou bom nisto; Sentir-me-ia bem e capaz de lidar com esta situação**	**Sou muito bom nisto; Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.**

17.	Vincar a sua posição quando um amigo seu está a passar dos limites consigo.	1	2	3	4	5
18.	Deixar um novo amigo conhecer o seu verdadeiro eu.	1	2	3	4	5
19.	Ajudar um amigo próximo a lidar com problemas familiares.	1	2	3	4	5
20.	Ser capaz de tomar a perspectiva de um amigo numa discussão e entender realmente o seu ponto de vista.	1	2	3	4	5
21.	Apresentar-se a alguém em quem tenha interesse em conhecer e até vir a namorar.	1	2	3	4	5
22.	Dizer a alguém em quem está interessado(a) que ele(a) está a fazer algo que o(a) embaraça.	1	2	3	4	5
23.	Sair da sua concha protectora e confiar num amigo próximo.	1	2	3	4	5
24.	Ser um bom ouvinte para um amigo que está preocupado.	1	2	3	4	5
25.	Parar de dizer coisas que possam causar desentendimentos que levem a uma grande discussão.	1	2	3	4	5
26.	Ligar a alguém em quem esteja interessado para fazerem alguma coisa juntos.	1	2	3	4	5
27.	Chamar a atenção a um amigo próximo quando ele(a) está a quebrar uma promessa.	1	2	3	4	5
28.	Dizer a um amigo próximo coisas que o(a) fazem sentir ansioso(a) e com medo.	1	2	3	4	5
29.	Ser capaz de dizer e fazer coisas para apoiar um amigo próximo quando ele está em baixo.	1	2	3	4	5
30.	Ser capaz de reflectir sobre um problema com um amigo sem recorrer a acusações.	1	2	3	4	5
31.	Dar uma boa primeira impressão às pessoas de quem possa vir a ser amigo(a) ou namorado(a).	1	2	3	4	5

1	2	3	4	5
Não sou nada bom nisto; Não me ia sentir bem nesta situação, evitá-la-ia se fosse possível	**Não sou bom nisto; Sentir-me-ia desconfortável e teria muita dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou razoável nisto; Sentir-me-ia um pouco desconfortável e teria alguma dificuldade em lidar com esta situação**	**Sou bom nisto; Sentir-me-ia bem e capaz de lidar com esta situação**	**Sou muito bom nisto; Sentir-me-ia muito confortável e lidaria muito bem com esta situação.**

32. Dizer a um amigo quando ele(a) fez alguma coisa que magoou os seus sentimentos. 1 2 3 4 5

33. Dizer a um amigo próximo o quanto o aprecia e se preocupa com ele. 1 2 3 4 5

34. Ser capaz de mostrar uma verdadeira preocupação mesmo quando um problema de um amigo seu não a(o) interessa. 1 2 3 4 5

35. Quando está zangado(a) com um amigo, ser capaz de aceitar que ele(a) tem um ponto de vista válido mesmo que não concorde com ele. 1 2 3 4 5

36. Ir a festas onde não conheça bem as pessoas para começares novas relações. 1 2 3 4 5

37. Dizer a alguém em quem está interessado(a) que ele(a) fez algo que o(a) deixou zangado(a). 1 2 3 4 5

38. Saber como manter uma conversa profunda com alguém que a(o) interessa para realmente se conhecerem de verdade. 1 2 3 4 5

39. Quando um amigo próximo precisa de ajuda e apoio, ser capaz de o aconselhar de forma que ele te entenda. 1 2 3 4 5

40. Não "explodir" com um amigo próximo (mesmo que se justifique) para evitar um conflito mais sério. 1 2 3 4 5

B. IRI (Davis, 1983)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações interpessoais. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (**X**) a resposta que melhor se relacione consigo. Responda de acordo com as indicações abaixo apresentadas:

1 ---------- 5

Discordo Completamente Concordo Completamente

1. Por vezes acho difícil ver as coisas do ponto de vista dos outros. 1 2 3 4 5

2. Numa discussão eu procuro ver os diversos lados da questão antes de tomar uma posição. 1 2 3 4 5

3. Por vezes tento compreender melhor os meus amigos colocando-me na perspectiva deles. 1 2 3 4 5

4.	Se tenho certeza que estou certo(a) nalguma coisa, eu não perco tempo a ouvir outros argumentos.	1 2 3 4 5
5.	Eu acredito que existem sempre pelo menos dois lados da questão e procuro considerar ambos.	1 2 3 4 5
6.	Quando estou zangado(a) com alguém procuro colocar-me no ponto de vista do outro por uns momentos.	1 2 3 4 5
7.	Antes de criticar alguém eu procuro imaginar como me sentiria no seu lugar.	1 2 3 4 5

Ficha Sócio-Demográfica

A. Sexo: Feminino O Masculino O

B. Idade: _____ anos

C. Escolaridade: _____

D. Ocupação: Estudante O Estudante-trabalhador O

Se é estudante:

1. Qual o estabelecimento de ensino que frequenta? _____

2. Curso _____ Ano _____

E. Família:

1. Os seus pais estão:

…Casados O

…Divorciados O Se sim, há quanto tempo?_____

…Viúvo(a) O Se sim, qual dos seus pais ainda é vivo(a): Pai O Mãe O

2. Tem **irmãos**? Sim O Não O

No caso afirmativo, quantos? _____ Com que idade(s)? _____

3. **Escolaridade** dos pais

Escolaridade do **pai**: _____ Escolaridade da **mãe**: _____

4. **Vive com** _____

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo 2.

Análise Factorial final do QCI

TABELA 1.

Análise factorial final do QCI

	Dimensões				
	SE	IR	AN	GC	D
BomOuvinteSE5	,755				
EscutarPacientementeSE2	,717				
QuestaoCentralProblemaSE3	,703				
AnimarEmBaixoSE6	,701				
ProblemaFamiliaresSE4	,698				
AconselharSE8	,660				
ReflectirDecImpSE1	,579				
ApresentarInteresseIR5		,684			
InteressanteEDivertidoIR4		,656			
SugerirCoisasDesconhecidosIR2		,642			
PrimeiraImpressaoIR7		,625			
LigarInteressadoIR6		,586			
SugerirSaidaIR1		,573			
ConversaViraConhecerIR3		,557			
IrFestasCDesconhecidosIR8		,554			
MagoarSentimentosAN7			,665		
ManeiratratadoAN1			,656		
DizerNaoAN2			,604		
VincarPosiçãoAN4			,602		
EmbaraçoAN5			,534		
AssumirZangaAN8			,532		
RecusarPedidoSemSentidoAN3			,529		
QuebrarPromessaAN6			,497		
ExplodirGC8				,703	
AceitarPontoVistaGC7				,678	
PorParteRessentimentosGC2				,629	
PararDiscussãoGC5				,617	
AdmitirErroGC1				,488	
NaoAcusarGC6				,440	
ContarVergonhaD3					,711
LadoSensívelD2					,617
RevelarintimoD1					,571
VerdadeiroEuD4					,563
AnsiedadesEMedosD6					,429